

R
E
V
I
S
T
A

— DA —

ACADEMIA
MATOGROSSENSE

— DE —

LETRAS

ANOS XXVII e XXVIII - TOMOS LII a LIV

1959 — 1961

Biblioteca Virtual José de Mesquita

<http://www.jmesquita.brtdata.com.br/bvjmesquita.htm>

Escolas Profissionais Salesianas
Cuiabá — Mato Grosso

ACADEMIA MATOGROSSENSE DE LETRAS
ANOS XXVII e XXVIII - 1959 -1961 - TOMOS LIII A LIV

À BEIRA DO TÚMULO

- I - Dados biográficos
- II - Discurso do Prof. Francisco Mendes
- III - A palavra do Tribunal de Justiça
- IV - Discurso do representante de « A Cruz»

Sessão Magna

In Memoriam do Desembargador José Barnabé de Mesquita, promovida pela Academia Mato-Grossense de Letras e Instituto Histórico de Mato-Grosso.

XXII - VIII – MCMLXI

Programa

- I - Abertura de sessão, pelo Presidente em exercício da Academia Mato-Grossense de Letras.
- II - Palavras do Orador Oficial da Academia Mato-Grossense de Letras, acadêmico Nilo Póvoas.
- III - Palavras do representante do Tribunal de Justiça do Estado, acadêmico Des. Antônio de Arruda.
- IV - “Nossa velha casa”, Soneto de José de Mesquita. Senhorinha Odilsa Freitas de Souza.
- V - Despedida - Palavras do acadêmico Palmiro Pimenta.
- VI - Palavras do Presidente da Associação de Imprensa Mato-Grossense, acadêmico Gervásio Leite.
- VII - Palavras do Diretor - Redator do Jornal “A Cruz”, Professor Benedito Pinheiro de Campos.
- VIII - Palavras do Orador Oficial do Instituto Histórico de Mato-Grosso, acadêmico Rubens de Mendonça.
- IX - Encerramento da sessão.

Vários

- Cuiabá está de luto - Floriano de Lemos.
- Oração fúnebre pronunciada pelo Exmo. Snr. Arcebispo Metropolitano após a missa de 7º dia.
- José de Mesquita - Virgílio Corrêa Filho.
- Correspondência de José de Mesquita - Antônio de Arruda.
- Reminiscências - Amidicis Tocantins.
- José de Mesquita - Rômulo Corrêa da Costa.
- José de Mesquita (na FALB) - Cezário Prado.
- José de Mesquita - Oscarino Ramos.
- José de Mesquita - Isaac Póvoas.
- Mesquita e a Academia - Luis Philippe Pereira Leite.
- Explicação necessária.
- IN EXTREMIS.
- A Última Prece - Pe. Raimundo C. Pombo.

IN MEMORIAM

A Academia Mato-grossense de Letras dedica o presente número de sua revista à memória de José Mesquita, como sincera homenagem ao principal fundador desta instituição, à qual ele dedicou os melhores anos de sua vida. Num esforço diuturno, superando, às vezes, a indiferença do meio, aproveitando noutras, a cooperação de um pugilo de idealista, que lhe seguiam as pegadas, José de Mesquita tornou-se o grande incentivador da cultura mato-grossense. Nas páginas que se seguem, encontrarão os leitores o que sobre a pessoa e a obra do saudoso acadêmico extinto escreveram ou disseram os seus confrades e amigos.

Cuiabá, dezembro de 1961.

A comissão de Redação da R. A. M. L.



José Barnabé de Mesquita

(*10/03/1892 †22/06/1961)

Cuiabá - Mato Grosso

Desembargador José de Mesquita

1) Dados Biográficos

Nasceu a 10 de março de 1892, em Cuiabá, Capital do Estado de Mato Grosso, filho de José Barnabé de Mesquita (Sênior) e Maria Cerqueira de Mesquita.

Bacharel em Ciências e Letras, pelo Liceu Salesiano São Gonçalo de Cuiabá. (1907) e em Ciências Jurídicas e Sociais pela Faculdade de Direito de São Paulo (1913), tendo sido escolhido orador da turma.

Exerceu os cargos de Professor de Português da Escola Normal, Procurador Geral do Estado de Mato Grosso, Diretor da Secretaria do Governo, Juiz de Direito da Comarca do Registro de Araguaia, Professor da Faculdade de Direito de Cuiabá (Direito Constitucional) e Desembargador do Tribunal de Justiça de Mato Grosso, que presidiu de 1930 a 1940, aposentando-se em 1945.

Após a sua aposentadoria, dedicou-se à advocacia, tendo exercido, ainda, o cargo de Secretário Geral do Território Federal do Guaporé, hoje Rondônia e Procurador Municipal da Prefeitura de Cuiabá.

Fundador da Academia Mato-Grossense de Letras, presidiu-a, ininterruptamente, desde a sua fundação até o seu falecimento.

Representou o Tribunal de Justiça no Congresso Nacional de Direito Judiciário e na Conferência Brasileira de Criminologia (1936); o Instituto Histórico de Mato Grosso e o Estado, no Congresso Histórico Nacional (1938) e a Academia Mato-Grossense de Letras, no 1º Congresso das Academias (1936).

Foi condecorado pelo Papa Pio XI, com a Comenda da Ordem de São Silvestre, pelos serviços prestados à Ação Católica (1933) e foi condecorado pelo Ministro da Guerra com a Medalha do Pacificador, pelos serviços à Pátria (1960).

Faleceu no dia 22 de junho de 1961, em Cuiabá.

A respeito do seu falecimento, publicou o jornal “O Estado de Mato Grosso”, de 23 de junho de 1961, a seguinte nota: “De luto a inteligência mato-grossense pelo falecimento, ontem, do Desembargador José de Mesquita. O féretro sairá da Academia Matogrossense de Letras, onde está sendo velado”.

Por outro lado, o Tribunal de Justiça do Estado, pela Portaria na 18/61, de 23 de junho de 1961, decretou luto oficial pela perda daquele que durante 10 anos exercera a Presidência do Egrégio Tribunal de Justiça.

Em homenagem póstuma àquele que muito fez por sua terra e sua gente, a Câmara Municipal de Cuiabá, pela Lei na 600/61, de 8 de novembro de 1961, aprovou o projeto que dava a denominação de Rua Desembargador José de Mesquita à antiga Rua do Araés.

2) Dados Bibliográficos

1. Poesias – Cuiabá – 1919;
2. Elogio histórico ao Dr. Antonio Corrêa da Costa - Cuiabá – 1921;
3. O Catolicismo e a Mulher - Cuiabá – 1926;
4. Elogio fúnebre do Dr. Caetano Manoel de Faria e Albuquerque - Cuiabá – 1926;
5. Terra do Berço (poesias) - Cuiabá – 1927;
6. A Cavahada (contos) - Cuiabá – 1928;
7. Um Paladino do Nacionalismo (elogio) - Cuiabá - 1929;
8. Semeadoras do Futuro (discurso) - Cuiabá – 1930;
9. Epopéia Mato-Grossense (poesias) - Cuiabá – 1930;

JOSÉ DE MESQUITA - IN MEMORIAM

10. O Taumaturgo do Sertão (biografia) – Niterói – 1931;
11. Atentado contra a Justiça (tese de direito) - Cuiabá – 1932;
12. Espelho das Almas (contos) - Premiado pela Academia Brasileira de Letras - Rio de Janeiro – 1932;
13. João Poupino Caldas (ensaio biográfico) - Cuiabá – 1934;
14. O Sentido da Literatura Mato-Grossense (conferência) - Cuiabá – 1937;
15. Pela Boa Causa (conferência) – Niterói – 1937;
16. Piedade (romance) - Cuiabá – 1937;
17. Relatório da Administração da Justiça – Cuiabá – 1937;
18. Manoel Alves Ribeiro (biografia) - Cuiabá – 1938;
19. O Sentimento de Brasilidade na História de Mato Grosso - (discurso) - Cuiabá – 1939;
20. De Lívia a Dona Carmo (mulheres na obra de Machado de Assis) - (ensaio) - Cuiabá -1939;
21. Professoras Novas para um mundo Novo (discurso paraninfal) - Campo Grande – 1940;
22. A Chapada Cuiabana (tese geográfica) – Cuiabá – 1940;
23. Nos Jardins de São João Bosco (discursos e conferências) - Cuiabá – 1941;
24. O Exército, fator de brasilidade (discurso) – Rio – 1941;
25. A Academia Mato-Grossense de Letras (notícia histórica) - Cuiabá – 1941;
26. Três Poemas da Saudade (poemas) - Cuiabá – 1943;
27. Bibliografia Mato-Grossense - Cuiabá – 1944;
28. Escada de Jacó (sonetos) - Cuiabá – 1945;
29. Roteiro da Felicidade (sonetos) - Cuiabá – 1946;
30. No Tempo da Cadeirinha (contos) – Cuiabá – 1946;
31. Os Poemas do Guaporé (poemas) - Cuiabá -1949;
32. Imagem de Jaci (romance) - Cuiabá - 1958 (O presente romance não foi editado até o momento).

ACADEMIA MATOGROSSENSE DE LETRAS

Além das obras acima mencionadas, colaborou em inúmeras revistas e jornais, tais como: a) O “Cruzeiro” de Cuiabá; b) O Onze de Agosto e a Revista da Faculdade de Direito de São Paulo; c) Revista da Academia Mato-Grossense de Letras; d) Revista do Instituto Histórico de Mato Grosso; e) Anais Forenses; f) Revista das Academias de Letras, do Rio de Janeiro; h) Aspectos e Cultura Política, do Rio de Janeiro; i) Revista do Brasil, de São Paulo; j) Revista Nova, de São Paulo; k) Ilustração Brasileira, do Rio de Janeiro; l) O Malho, do Rio de Janeiro; m) Revista Civilização, de Campo Grande.

Jornais: O Povo, O Mato Grosso, Correio do Estado, Correio Mato-Grossense, O Democrata, A Cruz e O Estado de Mato Grosso, com as famosas crônicas “Domingueiras”.

3) Sociedades a Que Pertenceu:

1) Clube Minerva - Cuiabá; 2) Grêmio Olavo Bilac - Cuiabá; 3) Centro Onze de Agosto - São Paulo; 4) Instituto Histórico de Mato Grosso - Cuiabá; 5) Centro Mato-Grossense de Letras - Cuiabá; 6) Instituto do Ceará (correspondente) - Fortaleza; 7) Sociedade “Rui Barbosa” (sócio benemérito) - Cuiabá; 8) Grêmio “Castro Alves” (presidente honorário) - Cuiabá; 9) Academia Mineira de Letras (correspondente) - Belo Horizonte; 10) Academia Pedro II (correspondente) - Rio; 11) Academia Mato-Grossense de Letras (presidente desde a fundação); 12) Centro de Cultura Intelectual (correspondente) - Campinas; 13) Instituto Rio-Grandense de Letras (correspondente) - Porto Alegre; 14) Circulo Rio-Grandense de Difusão Literária (correspondente) - Porto Alegre; 15) Grêmio “Rui Barbosa” (correspondente) - Vitória; 16) Academia Rio-Grandense de Letras (correspondente) - Porto Alegre; 17) Circulo Amigos de Marden (correspondente) - Espírito Santo; 18) Grêmio Literário “Euclides da Cunha” (correspondente) – Muqui - Espírito Santo;

JOSÉ DE MESQUITA - IN MEMORIAM

19) Academia de Ciências e Letras de São Paulo (membro efetivo) - São Paulo; 20) Academia Carioca de Letras (correspondente) - Rio de Janeiro; 21) Federação das Academias de Letras do Brasil; 22) Academia Paraense de Letras (correspondente) - Belém; 23) Centro de Ciências, Letras e Artes (correspondente - Campinas; 24) Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro (correspondente) - Rio de Janeiro; 25) Instituto Histórico e Geográfico de São Paulo (correspondente) - São Paulo; 26) Casa “Humberto de Campos” - Carolina; 27) Instituto Genealógico Brasileiro (correspondente) - São Paulo; 28) Instituto Heráldico Genealógico (correspondente) - São Paulo; 29) Confraternité Universelle Balzacienne (correspondente - Montevidéu; 30) Intercâmbio Cultural (membro efetivo) Guiratinga; 31) Instituto de Cultura Americana (sócio honorário) - Tolosa (La Plata) - Argentina; 32) International Institute of American Ideals (membro honorário - correspondente) - Los Angeles - Estado Unidos da América; 33) Grand Prix Humanitaire de Belgique (comendador) - Bruxelas; 34) - Califórnia - Estados Unidos da América; 35) Centro Cultural “Humberto de Campo” - Vila Velha - Espírito Santo.

Nota da Academia: A presente Bio-Bibliografia foi organizada pelo Dr. Fernando de Mesquita, filho do extinto, com dados colhidos no arquivo do Des. José de Mesquita.

ACADEMIA MATOGROSSENSE DE LETRAS

Discurso proferido pelo Professor Francisco Ferreira Mendes

José de Mesquita, o primeiro presidente da A.M.L.

SNRS.

Após um silêncio de quase dois anos, reabrem-se hoje as portas desta casa para a seqüência da caminhada do espírito, na consagrada edificação da cultura e do estilo, de que são as Academias de Letras o centro de convergência das cintilações, que dimanam do saber e da inteligência, dos que se dedicam ao estudo das ciências e das letras.

Terrível fatalidade porém, esta, de se levantar do mutismo e reiniciar o caminho, à sombra da saudade, na homenagem à lembrança de individualidade, que foi impar na dedicação, exemplar no amor e na veneração deste silogeu, que ora sente pairar vaporosa sobre o ambiente, a imagem do seu espírito, como se vivo ainda fosse entre nós, a espriar na jovialidade sincera do estímulo, a graça da sua bondade, o fulgor da sua intelectualidade e o carinho das suas palavras, no sentimento acrisolador das coisas da inteligência e da cultura.

Senhores

“Triste, mas necessária condição, que somente do pó hajam de brotar e florescer mimosas e viridentes as palmas do talento e as flores da verdadeira glória”! – Inúmeros os títulos de benemerência e de prestígio, com que a liberalidade da fortuna aureolou a fronte de José de Mesquita. Sobejaram-lhe em todas as faces da sua vida, méritos eminentes, que a autoridade dos representantes das entidades culturais realçarão daqui a pouco, no escorreitismo brilhante da palavra, nesta consagração póstuma, ao poeta e cantor das belezas pátrias, ao jornalista vibrante e fecundo de princípios reformadores, ao romancista pinturalizador das cenas da natureza

JOSÉ DE MESQUITA - IN MEMORIAM

da terra mater, ao estilista lapidar do vernáculo, ao juiz na edificante concepção do termo, ao cidadão. na retilínea do respeito às instituições cívicas da terra, do amor à família e à sociedade. Os atributos Porém que exornaram exteriormente a vida do pranteado acadêmico, cuja memória reverenciamos neste momento, reafirmam apenas a justeza dos conceitos do seu coração e das suas virtudes pessoais.

Nada há porém, belo na lembrança de José de Mesquita nada mais dedicado e sublime, do que o amor que dedicava à pátria no desvelo e entranhável carinho, que devotava à causa da cultura matogrossense. “O espírito reflete nos escritos, a luz com que o ilumina o coração”, disse-o grande pensador.

Em José de Mesquita, a pátria, a justiça, a religião e a família, refletiam a claridade da luz do seu engenho, nas obras, que nos legou.

Senhores

“Os astros tombam! Não raras vezes, nos é dado perceber na curva limpa do firmamento, a queda de uma estrela, que se despenha da órbita, sumindo-se nas fimbrias do horizonte, deixando um sulco luminoso no alto do céu. Assim tombou José de Mesquita, o primeiro Presidente da Academia Matogrossense de Letras. Deixou porém da sua passagem pela terra o imortal penhor do seu talento e do seu coração.

Pranteando a perda irreparável para a história, às letras, à ciência e à família, a Academia Matogrossense de Letras e o Instituto Histórico de Mato Grosso, nesta comemoração cívica da sua memória, grava-lhe o nome imortal, nos fastos imperecíveis da acrópole matogrossense, a par dos mais ilustres e memoráveis, que enobreceram e a cultura de Mato Grosso e do Brasil.

ACADEMIA MATOGROSSENSE DE LETRAS

Acad. Antonio de Arruda

Palavras em nome do Tribunal de Justiça

No ano de 1880, chegava a Cuiabá o jovem diamantinense José Barnabé de Mesquita Sênior. Na sua cidade natal, Mesquita Sênior tivera vida trabalhosa, dedicando-se ao comércio, como aprendiz e depois já com estabelecimento próprio. Anos de esforço deram-lhe algum pecúlio, que o possibilitou a vir para a Capital, em busca de meio mais condizente com os seus elevados méritos. Aqui, aperfeiçoou os conhecimentos, tornando-se Professor, e, mais tarde, advogado provisionado. Espírito liberal, fez-se abolicionista e propagador da República, sendo mesmo um dos fundadores do Partido Republicano, em Mato Grosso. No início do novo regime ocupou o cargo de Procurador Fiscal do Tesouro e de Professor de Latim do Liceu Cuiabano; estaria naturalmente destinado a posições de maior destaque, não fora a morte prematura, que o levou, em 1892, aos 37 anos de idade.

Nesse mesmo ano, nasceu-lhe o único filho, que lhe herdou o nome e as qualidades, aquele cuja memória estamos hoje reverenciando. José de Mesquita foi digno continuador do pai, seguindo-lhe as mesmas tradições de honradez e de caráter. Foi, sem dúvida, ainda mais longe, porque pôde construir, ao longo dos anos, extenso edifício espiritual, colocando-se no primeiro plano da cultura mato-grossense. Estevão de Mendonça, em páginas de reminiscência, evoca os primeiros tempos de José de Mesquita, quando, acadêmico em São Paulo, lhe mandava colaboração para o jornal “O Comércio”. Depois, ele e Estevão instalaram escritório de advocacia, setor a que Mesquita voltaria, já no fim da sua carreira profissional. Nesse interregno, durante cerca de 27 anos, foi magistrado; no Tribunal de Justiça, que presidiu por 11 anos ininterruptos, deixou marcos indelévels da sua passagem. Fundou ali com Palmiro Pimenta e manteve por muito tempo os “Anais Forenses do Estado de Mato Grosso”, preciosa coletânea

JOSÉ DE MESQUITA - IN MEMORIAM

das decisões da nossa mais alta Corte de Justiça. Em 1945, aposentou-se como magistrado, voltando à advocacia e continuando a sua laboriosa vida literária, que nesta jamais ensarilhou as armas. Em verdade, José de Mesquita, como homem de letras, foi dos mais fecundos de Mato Grosso, ombreando-se com um D. Aquino, um Estevão de Mendonça, um Virgílio Corrêa Filho. Em entrevista à “Gazeta” de S. Paulo, ele próprio esclareceu ter cultivado todos os gêneros literários; e, ao perguntar-lhe o jornalista, que procurava ser na arte, respondeu: “Um homem do meu tempo, sem escravizar-me às escolas e fugindo ao obsoleto, bem como aos exageros do modernismo, duas deturpações da arte, no tempo, e também ao regionalismo exagerado, deformação da arte, no espaço”. Manifestou o seu pendor pela Poesia, aceitando para ela tudo o que se lhe apresentava como motivo de inspiração e de beleza, principalmente o lirismo, a seu ver a quintessência poética. Quanto à prosa, declarou dedicar-se ao conto, a novela e ao romance, além dos ensaios, história e genealogia. Anotou ainda a sua preferência pelos temas de introspecção e psicanálise, sobretudo feminina, por considerar a alma da mulher, na sua beleza e contradições desconcertantes, o melhor campo de experiência artística. Aliás, neste particular, Mesquita deixou belíssimo trabalho sobre as mulheres na obra de Machado de Assis, a que intitulou “De Livia a Dona Carmo”; nesta análise da galeria feminina do criador de Capitu, Mesquita revelou também esta sua permanente preocupação literária, qual a de compreender a Mulher e fixar-lhe as cambiantes do sentimento. Outro gênero para o qual Mesquita confessou a sua atração: o estudo dos costumes, sobretudo do passado, única realidade humana, segundo Anatole France. A isso tudo pode-se acrescentar que, cultuando todos os gêneros literários, Mesquita o fez com rara maestria, deixando-nos modelos insuperáveis na arte de escrever.

Seria muito já que o ilustre morto que hoje pranteamos tivesse sido magistrado e advogado insigne, poeta e escritor dos mais valiosos. No entanto, isso não é tudo nesta personalidade rica de facetas singulares. De Boileau há conhecidos versos que assim se podem pôr em vernáculo: “Ama a virtude e dela nutre tua alma. . Não sejam os versos teu eterno cuidado; cultiva os amigos; sê homem de fé; não basta ser encantador num livro, é preciso saber também conversar e viver”.

ACADEMIA MATOGROSSENSE DE LETRAS

Estes simples e admiráveis conceitos, que D. Aquino considerou adequados a Gonçalves Dias, parece que os adotou José de Mesquita. Dedicado às letras, não desprezava, porém, o mundo e a vida, antes os envolvia num amplexo sedutor. Aceitando o conselho de Boileau, era ao mesmo tempo encantador nos livros e na sociedade. A sua obra toda, a sua poesia, principalmente, está impregnada dessa amorável alegria de viver, que caracteriza os espíritos sadios e otimistas. A sua palestra cordial, temperada de leve humorismo, seduzia e elevava. Por isso era-lhe fácil grangear e conservar amizades, algumas vindas do tempo da sua juventude, outras mais recentes, todas consolidadas pelo afeto que dispensava a mancheias.

Espírito reto, doiam-lhe as injustiças e violências. Neste ponto, era bem um discípulo de Ihering, para quem a defesa do direito constitui dever elementar de todo cidadão. Daí porque Mesquita arrostou algumas lutas, às vezes, com veemência e pertinácia, que lhe valeram não poucos momentos de amargor. A alguns estas atitudes afiguravam-se incompatíveis com o homem convictamente religioso, que também era. A mais de um colega ouvi dirigir-se a ele, com certa malícia perguntando-lhe:

- Des. Mesquita, o Sr. perdoa aos seus inimigos?
- A sua resposta era mais ou menos a seguinte:
- Perdôo tudo e a todos, mas, não me esqueço.

Parece-me assim que ele, como crente, perdoava aos inimigos, mas, como homem sensível, sofria com as ofensas recebidas. Tudo isso, porém, não o impedia de ser bom e de cultivar a generosidade, sentimento que reponta, a cada passo, em seus livros. Assim cantou ele, por exemplo, no soneto “Ato de Bondade”, da “Escada de Jacó”.

É preciso ser bom, mesmo que a vida,
Arvore má, te negue fruto ou flores.
Que a ventura ou o infortúnio não decida
Teu rumo, sempre bom, seja o que fores.

Do mesmo modo, no soneto “Transbordamento”, do “Roteiro da Felicidade”, há estes conceitos:

JOSÉ DE MESQUITA - IN MEMORIAM

Sendo feliz, deves ser bom, porque a ventura
É uma flor, cujo fruto excelente é a Bondade
Quem ditoso se sente, há de a felicidade
Irradiar de si, num halo de doçura.

Pensamentos análogos vêm-se em outros poemas: “Ser Bom”, “Evangelho do Bem”, etc. Creio por isso que momentos bem altos da sua vida foram aqueles em que esta Academia lhe prestou homenagens de apreço; especialmente a que ele próprio denominou de “Festa de Amizade”, e que lhe fora dedicada, há nove anos. Naquele dia, sete discursos fizeram-se ouvir, nesta casa, analisando aspectos da vida e obra de Mesquita. Falamos, naquela ocasião, Gervásio Leite, Francisco Mendes, Rubens de Mendonça, Augusto Mário, Consíndio Monteiro e eu. Respondendo, dissera então José de Mesquita: “Que compensação dadivosa não representa este momento, a tantas decepções que a vida, nos traz, às injustiças e incompreensões, frutos de erros de visão ou de instintos interiores irrecalcados, hostilidades cegas ou surdas, pequeninas e gratuitas, em que muita amizade aparente se desfaz, na pedra de toques do interesse ou das baixas emulações! Vai assim a mestra vida, artística inigualável, depurando, no seu laboratório, as amizades, tão diferentes das chamadas “relações” e fazendo sobrenadar as verdadeiras, que não contêm eiva de interesse nem lia de ressentimento... Quão feliz me sinto, nesta idade que ainda quero julgar de transição entre a mocidade, que finda, e a maturidade, que começa, no meio de camaradas, de vocês, velhos ou novos amigos, ouvindo-lhes essas palavras de compreensividade e benevolência, com que me confortam e estimulam, para que eu, bendizendo o que fiz, me anime a continuar fazendo o que puder pela nossa Cultura e pela nossa terra”.

Hoje, estamos de novo tributando-lhe homenagem semelhante, na qual, por meu intermédio, se faz representar o Tribunal de Justiça, que José de Mesquita tanto honrou; apenas, já não poderemos, como das outras vezes, ouvir as suas encantadoras palavras, nem sentir-lhe a presença física, nesta sua “Casa Barão de Melgaço”. Entretanto, ficar-nos-á outra presença, aquela que ele estampou nos seus trabalhos intelectuais, aquela que ele deixou gravada no coração dos seus conterrâneos.

ACADEMIA MATOGROSSENSE DE LETRAS

A minha ausência desta cidade não me permitiu assistir aos últimos instantes do poeta. Sei que os sofrimentos lhe foram dolorosos, e presumo enorme a tristeza desse enamorado da vida em partir para o “undiscovered country”. Mas, enfim, sabemos que cumpriu gloriosamente a sua missão na terra, e hoje descansa entre as estrelas.

**Discurso proferido pelo Redator de “A CRUZ” Prof.
Benedito P. Campos**

“O Dr. Mesquita o Escritor Católico”

Entre tantas facetas que se apresenta a personalidade de um homem católico, eu modestamente quero ressaltar José de Mesquita como um Escritor Católico.

Ante a gigantesca cópia de idéias que inquietam a vida temporal: como reforma do estado, restauração da vida familiar, organização profissional, orientação dos focos culturais valorização do trabalho e da técnica, significação das belas artes.

Diante disso tudo, deve falar o escritor católico, em nome do Altíssimo, ou pelo contrário se deve admitir definitivamente que o escritor católico careça hoje de lugar entre os especialistas que discutem o bem estar da cidade? Careça de lugar, entre os pais que estudam o regime ideal da sociedade doméstica? Entre os economistas e financistas que procuram uma técnica administrativa mais humana? Careça de lugar, entre os que esboçam as linhas de uma cultura? Entre a civilização mais humana? Entre os que desvelam pelo significado religioso do trabalho e do progresso material? Careça de lugar entre os artistas que se perguntam angustiados se Deus permanece realmente indiferente ante sua arte e a beleza de suas obras?.

Hoje, mais que nunca os escritores cristãos sentem inquietude de definir taxativamente os vínculos do Evangelho e do mundo, da vocação profissional e da vocação cristã.

JOSÉ DE MESQUITA, foi o homem que encarnou sua realidade cristã em sua realidade humana, em sua profissão e, portanto em nossa sociedade, que teve a sorte de possuí-lo.

— Mas, como encontrou José de Mesquita, a sua vocação de escritor católico?

— Como peregrina da verdade!

José de Mesquita teve a sorte de nascer de uma família tradicionalmente cristã. Como homem de estudos soube compreender que tinha feito um compromisso sério, desde seus primeiros passos na vida, diante da pia batismal.

Renunciar a Satanás e seguir a Cristo. Renunciar as trevas e seguir a luz.

José de Mesquita buscou a luz, a verdade da vida, do universo, do homem. A luz que não encontrou numa ideologia, filosófica, mas, somente encarnada numa Pessoa que diante dos séculos teve a ousadia de falar: “Eu sou a Luz, a verdade e a vida”.

José de Mesquita foi a intelectual católico consciente, que acredita em sua fé como intelectual, não como um vulgar, acredita buscando a luz, descobrindo e saboreando as doçuras da sua fé na palavra de Deus, na tradição dos mestres cristãos e na orientação maternal da Igreja.

Entre nós é conhecida a sua preocupação religiosa, a sua biblioteca teológica. As noites em silêncio, em que a sua alma em atmosfera de busca e de reflexão, transcendia da vida quotidiana e penetrava na região superior do recolhimento, do estudo e da oração.

José de Mesquita iluminava a sua alma, com a luz da verdade, descida do céu. Em um dos seus lindos sonetos, Dr. Mesquita mostra o quanto o seu espírito vivia na região sublime do recolhimento, nessa ânsia de luz.

“ASCENÇÃO”

Íngreme e sinuosa, aspérrima e escarpada,
sob o sol flamejante ou entre tormentas duras,
cheia de abismo maus que abrem fauces escuras,
vai a estrada coleando, em busca da esplanada.
Sobes. E na ascensão entre angustias e torturas,
trons de ira e de despeito, ápodos e assuada,
Vês diminuírem mais as coisas na baixada e se
abrirem os céus em mais alturas...
Hás de sempre encontrar urzes pelo caminho,
serpes por sob a relva e, nas rosas, espinhos.
Mas nunca te pareça o teu esforço vão.
Lá, bem no alto cintila a Estrela da bonança
e além, teu coração, mais do que a vista, alcança,
límpido e claro, o azul da eterna perfeição.

JOSÉ DE MESQUITA - IN MEMORIAM

José de Mesquita encontrou sua vocação de escritor católico, como semeador de luz.

Quando um homem se enche de luz ilumina o seu redor.

A verdade não pode ficar escondida, ela brilha e afasta as trevas da mentira e da ignorância. Faz, vinte séculos que numa noite (símbolo da situação da humanidade), desceu uma nova luz do céu para iluminar àqueles que estavam nas trevas, e nas sombras da morte. Cristo, esta luz descida do céu, funda um grupo de homens portadores da luz.

“Vós sois a luz do mundo, vós sois o sal da terra”.

Não se coloca a luz em baixo, no porão, mas sim na parte principal da casa para que ilumine e todos vejam.

Ide por todo mundo e ensinai a todas as gentes.

A vida de José de Mesquita foi de espalhar esta luz.

Como Diretor durante vinte anos do jornal “A CRUZ”, transmitia a luz de Cristo.

Nos seus artigos, nas suas poesias todos nós tivemos a sorte de saborear e de sentir esta luz, que penetrava profundamente em nossas almas iluminando as vidas de tantos cuiabanos, elevando assim a vida familiar; dando sentido humano e cristão ao trabalho e sobretudo demonstrando que a arte é mais arte quando se encontra com Deus, O supremo Artista.

José de Mesquita, encontrou sua vocação de escritor católico, como testemunha nas estruturas sociais.

Pio XII marcou com missão própria do leigo a “Consecratio Mundi”, a Santificação do Mundo, o que especifica dos leigos cristãos em manifestar a dimensão sagrada das realidades naturais.

Com outras palavras, estruturar de tal maneira a vida cultural, familiar, social, profissional... Que emolde ao fim sobrenatural do homem e a ação das forças sobrenaturais. Mas, como o leigo cristão realizará esta difícil e urgente missão?

Não mediante o poder, mais mediante o testemunho, ou seja mediante uma conduta tal do homem que manifesta a presença de Deus no mundo.

José de Mesquita cumpriu esta missão.

Em toda sua vida, como pai, como esposo, como magistrado, deixou o testemunho de uma realidade superior o testemunho de sua fé cristã.

ACADEMIA MATOGROSSENSE DE LETRAS

Podemos dizer com toda certeza que essa luz que projetava através de seus escritos, tinha uma confirmação em cada um dos momentos de sua vida.

José de Mesquita, não foi o portador da luz, mas, ele mesmo com sua presença iluminava cada uma das estruturas da vida que o rodeava e das que convivia.

Todos os homens de boa vontade puderam receber dele uma clara e profunda concepção cristã da profissão, da família e da sociedade.

Neste instante em que prestamos uma homenagem póstuma a um dos mais ilustres homens de nossa terra nosso, pensamento vai de encontro a aquelas verdades ditas por Jesus a turba dos Judeus.

“Em verdade, em verdade, vós digo, aquele que ouve minha palavra e acredita naquele que me enviou, tem a vida eterna, e não incorre na condenação, mas passa da morte para a vida.

Caríssimos amigos: Quando a recordação e a saudade se atravessam no meio do nosso pensamento, é para Deus, que devemos nos voltar, na esperança de alcançarmos a paz para o nosso espírito...

E assim deverão pensar os que têm neste instante a saudade plantada no coração.

Qualquer que seja o sentimento que nos vai na alma, qualquer que seja a vida agitada que nos afoga os dias, nunca devemos esquecer o céu, a verdadeira glória de quem tanto caminhou no mundo.

De Deus saímos e para Deus iremos. Ele é o nosso fim último assim como é nosso princípio.

Deu-nos o dom maravilhoso da vida, prometendo uma felicidade sem sombras e sem lamentos aos que lhe fossem fieis até o último minuto de existência.

Este dia, esta noite, é com justiça consagrada ao grande e ilustre acadêmico Desembargador José de Mesquita.

Dr. Mesquita, foi o verdadeiro pai, o verdadeiro esposo, o verdadeiro amigo.

Foi Fiel, até o último momento de sua existência.

Discurso do Prof. Nilo Povoas

Egrégias Autoridades Cívicas, Militares e Eclesiásticas
Exmas. Senhoras e Senhores,
Senhores Acadêmicos

Aprouve à Academia Matogrossense de Letras que fosse eu o intérprete do seu sentimento nesta comemoração do sexagésimo dia do passamento do acadêmico José Barnabé de Mesquita, desse mato-grossense insigne que, na sua grandeza espiritual, honrou a magistratura, de que foi ornamento inconfundível; comunicou brilho intenso às letras, que cultivou com esmero e dedicação insuperável; refulgiu na imprensa, fazendo dela o instrumento de aperfeiçoamento e de progresso; dignificou o magistério com a sua peregrina cultura e com o seu caráter adamantino.

Essa escolha, se de uma parte, me confere honrarias que não mereço, de outra parte, me desperta emoções tão vivas e tão caras que a fragilidade dos meus setenta janeiros mal pode suportar.

Não tive, porém argumentos com que me eximisse da honrosa incumbência, nem tampouco me permitiu o animo que dela declinasse de maneira irrevogável.

Perpassara, com certeza, pela mente dos meus ilustres confrades aquela comunhão espiritual em que sempre vivemos, já nas lides do jornalismo, já na seara afanosa do ensino, já, finalmente, nos princípios religiosos que professamos, hauridos nos bancos do venerável Colégio São Gonçalo e robustecidos na privança sempre amena e honrosa do nosso grande e saudoso arcebispo Dom Francisco de Aquino Correia. Da minha parte, esfusiara no meu espírito a minha tríplice condição de amigo dos bancos ginasiais, de confrade que fora trazido nos seus braços para este sodalício, e de compadre, por escolha espontânea e muito feliz de meu filho Lenine, num impulso natural dos seus cinco anos. E esse pensamento revolucionou de tal maneira o meu espírito, que desfez as minhas relutâncias.

Por circunstâncias como essa é que dizia um eminente pensador: “Nem sempre o homem é obra de si mesmo; as circunstancias lhe imprimem feição que não desejara ter”.

Foi, exatamente, o que comigo se deu. Sem nenhuma familiaridade, com a difícil arte de Cícero, aqui estou a arcar com os percalços não pequenos desta tribuna, numa hora tão grave como a que ora vive a nossa Academia, compromisso que assumi apenas por um respeitável dever de consciência.

Meus Senhores:

Fazendo o elogio de José Bonifácio, o patriarca da nossa independência, num discurso proferido em São Paulo, o berço dos Andradas, no Teatro de São José, disse o divino mestre da oratória, Rui Barbosa, que “para contemplar a irradiação de uma estrela, na sua pureza e serenidade, havemos de buscar por miradouro um cimo elevado, eu as altas regiões calmas do equador, quando a atmosfera não for ondulada pelos ventos e o astro pairar acima do horizonte. Então a intermitência das cintilações, que eram efeitos atmosféricos, cessa de turbar-nos e o foco esplende sereno na quietude da sua limpidez. A lição das existências superiores não rebrilha sobre nós em toda a sua intensidade, enquanto elas não chegam ao seu apogeu na transparência do além-túmulo”.

A eminência em que nos colocamos, a serenidade desta atmosfera magnífica, onde não sopram os ventos das paixões, e a nossa visualidade não sofre as intermitências das cintilações, são as condições esplêndidas deste miradouro de onde vamos apreciar a irradiação daquele astro que foi José de Mesquita, na influência que exercera antes da sua culminação definitiva na transparência do além-túmulo.

Na complexa individualidade de José de Mesquita, vários aspetos se nos impõem à consideração. Um deles, porventura o mais expressivo da sua formação espiritual, foi o seu culto apaixonado das letras jurídicas a que se ele entregara com o fervor de um asceta, levado por instinto puramente vocacional. Formado pela célebre Faculdade de Direito de São Paulo, que criou e nutriu uma luzida plêiade de eminentes juristas, de lá trouxera o jovem bacharelo espírito forrado por uma sólida cultura jurídica que lhe permitiu consagrar-se lídimo propugnador da justiça, na aplicação das normas

JOSÉ DE MESQUITA - IN MEMORIAM

do Direito e conservar, na presidência da mais alta Corte Judiciária do Estado as gloriosas tradições de austeridade do nosso antigo Tribunal da Relação.

Como distribuidor de justiça, foi ele de um comportamento exemplaríssimo. Não no movera jamais a paixão política que sói, por vezes, arrastar os magistrados a iniquidades, à prevaricação e à desonra. As decisões e as suas sentenças, escrevia-as ele com a mão na consciência e os olhos no Juiz Supremo. Eram-lhe elas ditadas pela razão e baseadas, invariavelmente, na lei e no direito. Nunca o vimos vacilar no cumprimento de seus deveres funcionais. Bem compenetrado se achava de que na soberania do Poder Judiciário é que reside a força da autoridade civil e que essa soberania se assenta na integridade dos seus juizes.

Se foi significativa e construtora a atuação de José de Mesquita na administração da justiça, em que deixou os traços indeléveis de uma inteligência primorosa e de um caráter ilibado que houvera por herança paterna, não menos vigorosa e fecunda foi a sua devoção ao culto das letras, em que descreveu uma trajetória luminosa, progressiva e igual, desde o começo até a sepultura.

Trabalhador infatigável, não se poupou a canseiras na realização do seu magno objetivo, que era o engrandecimento da terra matogrossense através da cultura dos seus filhos. Firme sempre nesse propósito, perlustrou com rara sobranceira a tribuna e a cátedra, doutrinou com sabedoria e elevação no jornalismo, investigou o passado com a paciência de um beneditino, dissipou dúvidas como biógrafo perspicaz e arguto, esmaltando toda essa atividade multiforme com as refulgências do poeta imaginoso, elevado nas idéias, rigoroso na técnica, grandíloco e suave no estilo, correto e elegante na forma.

Como poeta, tem José de Mesquita primores de forma que somente os mestres sabem imprimir às suas obras imperecíveis. Como prosador, a sua linguagem bem cuidada revela o trato diuturno dos clássicos, nos quais hauria as lições da perfeição e do aticismo.

Quer falasse, quer escrevesse, revelava sempre o mesmo bom senso, o mesmo equilíbrio mental. As suas idéias sempre justas e precisas e os seus raciocínios baseados na lógica e na razão, abriam no espírito dos seus leitores a clareira por onde penetrava a luz radiante da verdade.

ACADEMIA MATOGROSSENSE DE LETRAS

Dois traços característicos distinguem a sua vida de escritor; o seu amor à terra natal, cujos usos, costumes e tradições descreveu nas suas obras, e o espírito de verdade, de justiça e de independência que manifestou nos seus artigos da imprensa.

Das suas produções, quer em prosa, quer em verso, uma parte foi enfeixada em livros, ficando outra parte esparsa pelas revistas e jornais, em que derramou, com mão larga, as gemas preciosas do seu talento. As revistas da Academia Matogrossense de Letras e do Instituto Histórico de Mato Grosso, assim como os jornais “A Cruz” e “O Estado de Mato-Grosso”, são os maiores repositórios das exuberantes florações do seu espírito, sempre votado ao Bem e ao Belo.

A sua vultosa bagagem literária, toda merecedora de estima, inventariou-a ele próprio no jornal “O Estado de Mato Grosso”, poucos dias antes do seu desaparecimento, com sua própria mão, o pedestal do monumento em que a Posteridade eternizaria a sua memória.

São romances, poesias, ensaios, biografias, estudos genealógicos, discursos, crônicas etc., muitos deles inéditos, representando mais de cinquenta anos de laboriosa atividade.

Presidente da Academia Matogrossense de Letras, desde a sua fundação, dela se constituiu a coluna mestra, ligando, indissolavelmente, o seu nome à vida desta, instituição cultural.

No campo do jornalismo, sempre o vimos na vanguarda dos combatentes, pugnando intrepidamente pelas boas causas, pelos interesses do nosso Estado.

Do seu elevado civismo fala bem alto a sua dedicação aos interesses da sua terra e da sua gente. Da sua vasta cultura e vivacidade intelectual dizem, com eloquência, não somente a vultosa obra que legou à Posteridade, como também a larga projeção que teve no magistério.

Mas não foram somente os excelsos atributos intelectuais e o alto espírito público revelados por José de Mesquita, que o recomendaram à consagração dos pósteros. O que, acima de tudo, relacionou com o povo a marcante individualidade desse matogrossense ilustre, foi aquela bondade que irradiava de seu coração, sublimada na prática dos salutareis princípios da moral cristã. Foi essa, sem dúvida a faceta mais estimável e mais sedutora da sua personalidade.

JOSÉ DE MESQUITA - IN MEMORIAM

Atraia pela simpatia das suas atitudes, cativada pela lhanza e fidalguia no seu trato afável e carinhoso.

Dele disse o seu ilustre colega Desembargador Antônio de Arruda: “Ninguém levaria, como ele, tão a sério as obrigações sociais; datas natalícias de amigos, colegas e confrades, momentos de alegria ou de dor, tudo era motivo para as suas expansões cordiais oportunas. Sob este aspecto, era o Herbert Moses matogrossense. Foi, em suma, um homem educado, ou mais propriamente, um homem civilizado”.

Efetivamente assim foi. Esse delicado sentimento de sociabilidade cultivou-o José de Mesquita, com todo o cuidado, até os derradeiros dias da sua vida.

Senhores:

Com a solenidade cívica com que a Academia Matogrossense de Letras reverencia a memória do seu grande Presidente, não foge ela, mas antes confirma o seu programa, honrando e engrandecendo o patrimônio cultural de Mato Grosso através da vida e da obra de um homem que avultou entre os seus mais conspícuos compatriotas, pelo cultivo primoroso do seu espírito, pela nobreza fidalga dos seus gestos e atitudes e sobretudo, pela sua indefessa dedicação à causa da cultura nacional.

Reverenciando a memória de José de Mesquita, a Academia Matogrossense de Letras honra o Estado de Mato-Grosso, a quem se consagrou o homenageado, escrevendo, nas páginas da sua literatura uma das suas belas lições de trabalho, de perseverança e de patriotismo.

Nunca devemos votar ao esquecimento os nomes daqueles que lançaram à terra as sementes do bem e da virtude, como fez José de Mesquita, que há de servir às gerações futuras de guia na escuridão que ora envolve a nossa nacionalidade.

ACADEMIA MATOGROSSENSE DE LETRAS

José de Mesquita

Antônio de Arruda

Com José de Mesquita desaparece um dos mais legítimos representantes das velhas tradições cuiabanas. Amando profundamente a sua cidade, tendo morado nela a maior parte da sua existência, ele a simbolizou de maneira característica nas suas qualidades e vivências, e sobretudo no seu espírito de continuidade. Neste ponto, procurou harmonizar-se com o passado, esforçando-se para que Cuiabá jamais perdesse as peculiaridades que a extremam de outras cidades. Luta obscura contra fatores adversos, que acabariam prevalecendo.

Este conservadorismo, quasi diria este saudosismo, Mesquita o manteve ao longo dos anos, apesar da onda de vulgarização que, em nome do progresso, foi proscovendo os nossos mais caros valores. Tal atitude, em Mesquita, tornou-se um modo de ser, refletindo-se-lhe nos escritos e nos atos. Era de ver, por exemplo, o orgulho com que se referia à sua profissão de advogado - não por ela em si, mas porque o ligava ao progenitor que também o fora. Ingressando na magistratura, fez dela a parte mais fecunda de sua carreira, e suponho que das maiores satisfações que teve foi quando um dos filhos e um genro o acompanharam neste setor, e ao saber estar o caçula recém-formado preparando-se para seguir-lhe as pegadas.

Ocorre-me aqui uma das impressões mais antigas que guardo de José de Mesquita. Foi quando regressei a Cuiabá, em 1937, após o meu curso de Direito, e ia assistir às sessões do Tribunal, por ele dirigidas. Naquele tempo, as paixões políticas, exacerbadas pelo processo contra o Governador Mário Corrêa, tentavam invadir o recinto severo da nossa mais alta Corte de Justiça. Não era fácil opor-se a essa torrente avassaladora, eivada de facciosismo. Mesquita arrostava-a, porém,

JOSÉ DE MESQUITA - IN MEMORIAM

de ânimo sereno, dominando com dignidade aquele ambiente agitado.

Felizmente, foram raros tais momentos de vibração e intolerância. Em épocas normais, pôde José de Mesquita patentear as suas notáveis aptidões para a liderança. Na galeria dos Presidentes do nosso Tribunal, talvez nenhum outro o avantajasse em finura e elegância. Foi o que exerceu por mais tempo esta função, juntamente com o velho Des. João Martins França; cerca de 11 anos para ambos. Note-se que, nesse interregno, teve Mesquita por colegas algumas das figuras mais brilhantes que passaram pelo Tribunal, como Amarílio Novis, Armando de Sousa, Vieira do Amaral, Albano de Oliveira, Otávio Cunha, Olegário de Barros, Oscarino Ramos, Palmiro Pimenta e outros.

Tenho a impressão de que fôra o desempenho dessa presidência, ao lado de outra ainda mais longa, a da Academia Matogrossense de Letras, cujos destinos dirigiu e consubstanciou, durante quasi 40 anos — creio que foi o exercício dessas duas presidências que aprimorou em José de Mesquita os seus dotes inatos de sociabilidade. Ninguém levaria como ele tão seria as obrigações sociais; datas natalícias de amigos, colegas e confrades, momentos de alegria e de dor, tudo era motivo para as suas expansões oportunas e cordiais. Sob este aspecto, era o Herbert Moses matogrossense. Foi, em suma, um homem educado, ou mais propriamente, um homem civilizado.

Outro ponto que se distinguia em José de Mesquita era a sua perdurável fidelidade às coisas do espírito. Jamais o abandonou o gosto das Letras, que ele cultivou carinhosamente, fazendo incursões a quasi todos os gêneros literários. Pressagiando o fim próximo, ele mesmo enumerou neste jornal, todas as suas produções literárias. Foram livros de contos e de poesias, romances, ensaios, biografias, estudos genealógicos, discursos, crônicas, etc. Muitos desses trabalhos continuam inéditos e representam ao todo mais de 50 anos de laboriosa atividade, que só a fase mais aguda de sua doença veio interromper, há pouco tempo. Exemplo raro este, porque a regra no homem de letras é o cansaço precoce, o esmorecimento, a perda do entusiasmo da mocidade.

ACADEMIA MATOGROSSENSE DE LETRAS

Não vou, porém, deter-me na análise da obra literária de José de Mesquita, tarefa para mais vagar, e que deverá ser feita em conjunto pela Academia Matogrossense. Quero restringir-me, por enquanto, a esses traços que me pareceram característicos do ilustre morto, que vem sendo justamente pranteado não só em Mato Grosso, como em outras regiões do país, onde se tornou conhecida a sua marcante personalidade de homem bom e de escritor apreciado.

(Transcrito do Estado de Mato Grosso)

NOSSA VELHA CASA

José de Mesquita

Nossa boa e querida casa antiga,
onde tanto sofremos e gozamos,
conserva, ainda, a feição suave e amiga,
de quando nela a vez primeira entramos.

Não há quem esquecer jamais consiga
a ventura! e por isso, ainda evocamos
tudo o que a casa grande a alma nos liga,
embora longe um do outro hoje estejamos.

A alcova ... o varandão... perto, o bequinho ...
o terreiro das rosas... o caminho
do portão, que de folhas mil se junca...

Não há logar na nossa velha Casa,
ao qual uma saudade se não casa,
do morto amor, mas vivo do que nunca!

Em Despedida

Palmiro Pimenta

A voz da Academia pela minha palavra tremula,
imprecisa, mas comovida de sentimento, vem aqui murmurar
uma prece de saudade pela morte do nosso saudoso
companheiro José de Mesquita.

O seu desaparecimento é uma perda profundamente
sentida pelos seus companheiros, onde ele era um dos mais
conspícuos e dedicados, pela inteligência elevada, pela cultura
do espírito e as mansas virtudes que constituíam o apanágio do
seu imenso coração.

Deploremos sinceramente esta eterna separação, mas não
imprecamos o Destino, porquê é a lei inexorável para todos este
eterno percurso da vida para a morte e também da morte para a
vida.

A vida de Mesquita foi exemplo nobre e edificante do
quanto podem fazer a vontade e o trabalho, aliados à uma
inteligência brilhante e uma razão bem equilibrada.

No remanso do lar doméstico era a gentileza e a bondade
nos princípios da honra e do dever, a enaltecer o homem
particular que soube educar a progênie.

Em verdade, apagou-se o clarão intenso da sua vida,
deixou de lhe pulsar o coração — grande demais para encerrá-
lo no corpo humano — extinguiu-se-lhe a voz em que havia
ressonância de suavidade — morreu Mesquita, mas a sua
memória permanecerá na irradiação do bem, à semelhança
desses astros mortos que após muitos séculos ainda iluminam o
espaço.

Sursum corda! meus colegas e rendamos à Mesquita a
homenagem mais alta que lhe podemos prestar, que é a
homenagem da crença em que sua alma justa e amiga da
Verdade não se apagou no crepúsculo doloroso da morte, mas,
continuará a brilhar com o seu mesmo fulgor no regaço da
imortalidade.

Palavra da Imprensa

Gervásio Leite

Há pouco tempo a morte na dureza de sua impiedade privava a cultura matogrossense do seu nune titular — D. Aquino Corrêa. Hoje, mais uma vez, ela nos golpeia rudemente, roubando à intelectualidade de Mato Grosso o seu líder indiscutível — José de Mesquita. Mal refeitos da crueza daquela morte as nossas bandeiras se enrolam novamente em funeral e os epínícios da fecunda atividade criadora de nossos confrades transforma-se na plangência dolorosa do epicédio com que pranteamos inconsolados o passamento do amigo querido e ilustre.

Aquele formoso espírito que era a linfa vital desta casa, com os fulgores de sua inteligência de eleição abriu-se desde logo, as emoções da criação artística, como poeta, romancista, cronista, historiador e jornalista e, ao longo de uma vida plena que se realizou integralmente, na fecundidade de uma pena que jamais se esgotou, trabalhou denodadamente na seara do espírito, num labor que nem mesmo a pobreza da vida provinciana parada e pasmada, desestimulou ou tragou na rotina do quotidiano que abafa as vocações mais vivas.

Jornalista ao longo de meio século as páginas da nossa imprensa dão testemunho vivo dessa atividade em que Mesquita era o soldado das heras indormidas nos bastiões de uma fortaleza que jamais se rendeu ao jogo dos interesses excursos ou no silêncio dos que cedo desertam das agruras de sua missão. Nele, o jornalista viveu dia a dia os esplendores de sua missão e as misérias do amargo ofício. Na defesa do seu ideário e nas lutas pelos princípios que sempre defendeu era de uma bravura impressionante. Os poderosos e os que se pretendem poderosos, repetidas vezes foram marcados com o ferrete de sua palavra potente e, assim, nesse meio século de atividades jornalísticas fez da imprensa uma tribuna onde, passo a passo, ensinava e doutrinava pregando aos homens de boa vontade e ferreteando os maus e os injustos, conversando,

como queria Rui Barbosa, “todas as manhas para a rua”, “na mesma plenitude de franqueza” com que se se dirigisse para dentro de si mesmo, porque no seu espírito lavrava aquele “incêndio comunicativo da fé nos princípios” e “a paixão ignescente do ódio à tirania”.

Jamais lhe salteou o espírito o comodismo dos seus interesses pessoais injustiçados por aqueles que ele marcava com o signo indelével de sua palavra impressiva. Ao contrário, vezes sem conta, podíamos vê-lo na serenidade daqueles que lutando pela verdade não sentem as feridas que o fragor da luta lhes causam. Nunca cedeu, assim, às artimanhas dos poderosos que não lhe podendo calar a voz talavam fundo os seus interesses de cidadão e de pai de família. Aí então surgia, formidável, ao lado do jornalista, o jurista e a campanha que encetava ganhava brilho e majestade porque era o homem desarmado lutando, com destemor, pela verdade e pela Justiça contra o poder dos poderosos que acabavam impotentes e destroçados pelo lutador que hoje reverenciamos.

É que Mesquita compreendia o jornal como uma tribuna que só podia ser ocupada pelos nobres de espírito. A imprensa não devia ser o pasquim ou o vazadouro das injurias atassalhantes e onde os homens que comandam a coisa pública desnudam-se expondo as suas mazelas, num espetáculo muitas vezes repugnante. Para ele o jornal era a tribuna da verdade e, encantando com o brilho de sua cultura ensinava aquelas verdades eternas que não podem ser obscurecidas mesmo nesta época caótica de derrocadas. Para ele o jornal era uma escola e uma cátedra, não o órgão verrineiro que nas suas colunas mofinas faz da injuria e da calunia o pão com que os pasquineiros se nutrem mas, o jornal que prega, o jornal que ensina, o jornal que edifica, o jornal que dignifica, o jornal, enfim que faz da instituição divina da palavra o instrumento ideal de crescimento e seleção do espírito humano.

O jornalista que assim prega, que assim edifica, que assim ensina, é aquele que Rui denominou “mestre de primeiras letras”, “catedrático da democracia em ação”, “advogado”, “censor”, “familiar” e “magistrado”. E assim foi o confrade ilustre que a morte nos roubou, cujo convívio a todos encantavam pelas maneiras cavalheirescas, pela amenidade do trato, pelos requintes da cortezia que fazia dele um gentleman no mais nobre e elevado sentido da palavra.

JOSÉ DE MESQUITA - IN MEMORIAM

Mestre das letras e da imprensa devemos recordá-lo na plenitude de sua vida que o destino permitiu que ele realizasse plenamente, e que se eternizasse nos seus filhos os exemplos que deu a sua terra e aos homens de seu tempo.

Além das fronteiras desse país misterioso cuja existência presentimos, além da vida, o formoso espírito desse companheiro perdido mas jamais esquecido há de estar trilhando as sendas da eternidade iluminadas pelo seu espírito de escol.

ACADEMIA MATOGROSSENSE DE LETRAS

Discurso proferido pelo representante do Instituto Histórico de Mato-Grosso, acadêmico Rubens de Mendonça

Pandiá Calógeras, escritor e homem público, escrevendo sobre a figura inconfundível do Marquês de Barbacena, afirmou que existem homens que marcam época. E ao vos falar nesta solenidade cívica de homenagem póstuma a José de Mesquita, vem-me a lembrança esse conceito do emérito historiador que tão bem se ajusta ao homenageado de hoje, porque meus senhores, José de Mesquita marca uma época na história de Mato Grosso e sobretudo na sua evolução cultural.

Ele, foi para o nosso Estado um vulto inconfundível. A ele se deve a fundação da nossa Academia, outrora Centro Matogrossense de Letras.

Homem afeito à luta, José de Mesquita, nunca se esmorecia, sabia ele que os homens passam, mas as suas obras ficam. E por isso o seu nome viverá através dos séculos, imortalizado nas suas produções históricas e literárias. Para Mato Grosso ele não morreu. Quando os futuros historiadores consultarem a história pátria, seu nome será lembrado como um dos grandes pesquisadores da história matogrossense.

E é isso, sem dúvida, o que constitui a imortalidade acadêmica, viver eternamente, inextinguivelmente, gloriosamente, dentro de suas obras, dando lições aos estudiosos do futuro da nossa história, quando eles buscarem nos seus trabalhos fontes de estudos. E então ele continua vivo dentro do seu livro consultado mostrando os rumos certos em que o paciente pesquisador gastou meses, anos e anos, para ser útil à alguém que num futuro remoto, buscou o saber nas páginas das suas obras históricas. É essa, sem dúvida a imortalidade acadêmica, porque riqueza, o ouro, a força física, e tudo o mais ficará esquecido. Quando se pensa num país, escreveu Álvaro Moreyra, “não é nos reis que o governam, que se pensa. É nos poetas, é nos seus músicos, é nos seus pintores, nos seus arquitetos, nos artistas nos filósofos, em todos os ho-

JOSÉ DE MESQUITA - IN MEMORIAM

mens de espírito. Para não ir muito longe, sempre que me lembro de Portugal, entro logo a conversar com Gil Vicente, Bernardim Ribeiro, Camões, o Padre Bernardes, Frei Luiz de Souza, Garrett, Alexandre Herculano, Eça de Queiroz, Antonio Nobre... Quero lá saber dos Pedros, dos Josés, dos Migueis! Depois de D. Diniz, o Lavrador, que ajudou a criar a língua, ainda me posso deter um pouco à espera de D. Sebastião, por hereditariedade: meu avô fez isso”, e assim prossegue o autor de “AS AMARGAS, NÃO”. Ninguém pensará em Mato Grosso, sem evocar a figura de José de Mesquita.

Essa, imortalidade não é tão precária, como afirmou certa vez o nosso brilhante confrade Gervásio Leite, ela conduz um nome glorioso por todo o sempre.

Para ela não existem fronteiras, nem nacionalidades, ela atravessa os continentes para levar o nome do Goethe à vila mais obscura da terra, ou melhor como queria Lucano:

“O sacer et magnus vatum labor! Omnia fato
Eripis, et populis donas mortalibus aerem”

Sim, dá a imortalidade aos povos mortais, o magnífico e sagrado trabalho dos poetas e José de Mesquita também foi poeta, e poeta, como no dizer do nosso saudoso Arcebispo Dom Aquino Corrêa: “das evocações melancólicas e suaves do passado”.

O nosso homenageado, foi um verdadeiro erudito. Historiador, romancista, poeta e jornalista. Da sua grande atividade intelectual, atestam os seus trabalhos, as suas obras, seus títulos honoríficos. Sócio fundador e orador perpétuo, do Instituto Histórico de Mato Grosso, o Desembargador José de Mesquita se consagrou como historiador de escol, homem que se dedicava diariamente à nossa cultura, ora como jornalista, ora estudando o nosso passado nas suas apreciadas crônicas publicadas no jornal “A CRUZ”, do qual foi ele, diretor pelo espaço de 20 anos.

Da sua bibliografia destacamos: “Gente e Cousas de Antanho”, “Genealogia Cuiabana”, onde são estudadas as origens e formações das tradicionais famílias da bi-centenária cidade de Moreira Cabral.

Do romancista, ficou o romance cuiabano “Piedade”, e do conteur os contos regionais de “A Cavalhada” e “No Tempo da Cadeirinha”, não se esquecendo todavia do seu livro de contos “Espelho das Almas”, obra premiada pela Academia de Letras.

ACADEMIA MATOGROSSENSE DE LETRAS

Poeta parnasiano, não se deixou, entretanto, prender-se por aquela escola.

Ia do parnasianismo ao modernismo.

Do seu primeiro livro, intitulado “Poesias” é o parnasianismo a escola imperante.

*É sempre a Arte, quer no marmor branco
do estatuário o escopo te modele,
quer vibres nas esplendidas estrofes
de um poema parnisiano...*

*Ó Arte, eu que te adoro e te venero,
quer Estética ou Ritmo te chames,
quer em luz, quer forma ou harmonia
meus sentidos afetes*

*produze-me, na rudeza destes versos,
a cantar teus louvores sempiternos,
mas não o pude, e nesse, caso, baste-me
este prazer de amar-te.*

Do parnasianismo, vamos encontrar, mais tarde, José de Mesquita, poeta modernista. “Ritmos Novos”, era o título do seu livro de versos modernos.

José de Mesquita cultivou a nossa literatura por mais de meio século. Formou várias gerações de literatos e poetas. Idealizou e fundou o Centro Matogrossense de Letras, posteriormente Academia Matogrossense de Letras. Ele foi o nosso Machado de Assis, à sua maneira. Mesquita se dedicava de corpo e alma à veneranda Casa de Barão de Melgaço, sede do nosso sadalício.

Embora enfermo e gravemente enfermo, seu pensamento se voltava para esta Casa.

O nosso homenageado foi um apóstolo da Amizade. Amigo ele foi do meu Pai e meu amigo se conservou por toda a existência.

Como poeta foi humano, profundamente humano. Dele se pode dizer como Rubén Darío, disse a propósito de Verlaine: “Seguramente, has muerto rodeado de los tuyos, de los hijos de tu espíritu, de los jóvenes oficiantes de tu iglesia, de los alumnos de tu escuela, oh! Lírico Sócrates de um tiem-

po imposible!

Pero mueres en um instante glorioso: cuando tu nombre empieza a triunfar, y la simientede tus ideas, a convertirse en magníficas flores de arte”.

Nesta casa, Casa Barão de Melgaço, dormiu seu corpo o sono derradeiro antes de partir para a última morada.

“Ei-lo. É o marco final: a derradeira meta do sonho. Aqui termina o ideal mais arrojado. A jornada da Vida é finda. Está completa

a peregrinação do mundo desgraçado... (1)

(1) “Poesias” — José de Mesquita.

Cuiabá está de luto

Floriano de Lemos

Os tarumeiros, que se debruçam sobre o rio Cuiabá devem estar agora mandando as suas flores muito rochas ao Coxipó da Ponte na direção da Cascata do Véu de Noiva — aquela pincelada de arte natural, num píncaro de serra, aonde os bandeirantes um dia pararam, extasiados, e certos de que Deus marcara ali, com a prata das águas, a festa virginal da Cidade Verde do ouro.

Que tristeza anda, também, nos rasteiros sarãs que enfeitam as margens dos dois rios! Eles talvez perguntem, aflitos, às abelhas amigas dos seus nectários, com que preparam o mel: “Onde se irá encontrar quem, com tamanha constância, fabrique versos cantando as belezas da nossa terra?”

E o correio dos ventos, pesarosos, como se tivessem nervos, transmitirá o recado das árvores, majestosas e os anseios de cada trepadeira rústica, para levar, do campo do Ourique até os confins da Chapada, a desoladora mensagem: — desapareceu José de Mesquita.

Quando ele nasceu, parece que lhe fizeram esta partida: na hora do batizado, a pia Igreja, em vez das águas lustrais, continha linfa da mais pura da fonte de Castália. O pequeno sentiu que, por toda a sua vida, esta predestinação o perseguiria: ser poeta. Não havia senão obedecer, os olhos voltados para o cenário, tão rico, dos céus daquela terra cheia de encantos e mistérios.

Na idade da cultura, José de Mesquita estudou direito, evoluiu nesse meio, correu auditórios, presidiu tribunais, tornando-se um dos magistrados mais notáveis de Mato Grosso; mas nem por isso, perdido assim no mundo dos arestos e dos acórdãos, deixou de achar-se sempre entre as musas do Parnasso. De espírito curioso, adensou-se, como um sertanista

JOSÉ DE MESQUITA - IN MEMORIAM

da História, pelo passado, e ei-lo autoridade na matéria, justificando o pensamento de Stefan Zweig: manuscritos antigos, só os desencantam os olhos de um poeta. E pela sua vocação religiosa, Mesquita dirigia o catolicismo local, embora sem sotaina, porque leigo era o púlpito em que pregava: o jornal “A Cruz”, que ele carregava aos ombros, iluminado pela fé.

Mas de que se alimenta, afinal, um poeta, senão de amor? Dentro dessa lógica, raciocinando com o coração, Mesquita amou deveras a sua terra e a sua gente. E soube amar pela medida de São Bernardo: sem medida. Seus versos o provam. No livro do passado, por exemplo cita o paganíssimo Bilac (Via Láctea, XV), para confessar que:

“O olvido só existe em quem do Amor inteiro
não logrou conhecer o êxtase verdadeiro,
no ardor da carne e na ternura interior”.

Em outro trabalho, assim define a mulher:

“Eva, que nos perdestes e salvaste, ainda agora
Continuas a ser pecado e salvação...”

Vale a pena, entretanto, vê-lo conversar com o espelho do guarda-roupa que outrora refletiu a graça e o esplendor e todo o poema de corpo da mulher amada, para terminar o discurso poético com esta lamentação:

“Espelho indiferente e álgido como a vida:
não soubeste manter a imagem refletida,
mas que a minha memória, eterna, há de guardar!”

Vê-se aí, o cantor lírico que era José de Mesquita, dentro do espírito do homem religioso. Afinal, escreveu sempre versos de amor, sentindo ser o amor — a mais bela criação de Deus. Virtude ou pecado, a mais natural a mais humana.

O cuiabano agora extinto foi essencialmente um homem de letras. Deixa muitas obras literárias e de fundo histórico, além de trabalhos de ordem jurídica. Versos: Poesias: (1919); Terra do Berço (1926); Da Epopéia Mato-grossense (1931);

ACADEMIA MATOGROSSENSE DE LETRAS

Três Poemas da Saudade (1943); Escada de Jacob (1945); Roteiro da Felicidade (1946); Poemas de Guaporé (1947), etc.

Um romance, Piedade (1937). Contos: A Cavahada (1928); Espelho das Almas (1932); premiado pela Academia Brasileira de Letras; No Tempo da Cadeirinha (1946). Biografias e elogios: do Dr. Antônio Corrêa, do general Caetano Albuquerque, de Couto Magalhães, de frei José Maria Macerata, de João Poupino Caldas. Toda uma série de Discursos e Conferências E ainda, na seara da religião, O Catolicismo e a Mulher (1926).

Num concurso da “Ilustração Brasileira”, elaborado com o fim de selecionar os dez melhores sonetos do Brasil, figurou entre eles o que tinha por nome “Ascensão”, da lavra de Mesquita:

Íngreme e sinuosa, aspérrima e escarpada
sob o sol flamejante ou entre tormentas duras,
cheia de abismo maus, que abrem fauces escuras,
vai a estrada coleando, em busca da esplanada.

Sobes. E na ascensão, entre angústias e torturas,
trons de ira e de despeito, ápodos e assuada,
vês diminuir mais as coisas na baixada
e se abriremos céus em mais amplas alturas. . .

Hás de sempre encontrar urzes pelos caminhos
serpes por sob a relva e, nas rosas, espinhos.
Mas nunca te pareça o teu esforço vão.

Lá bem no alto cintila a estrela da bonança,
e além, teu coração, mais do que a vista, alcança,
límpido e claro, o azul da eterna Perfeição.

Razão tinha os tarumeiros do rio Cuiabá para pedir aos ventos que levassem até as Cercanias do Coxipó um punhado de flores roxas, para serem depositadas junto ao véu de Noiva dos esponsais da Cidade Verde. Ela está viúva. Morreu o seu mais apaixonado amante, aquele que tanto exaltou os encantos da sua terra.

Dr. Mesquita, homem de fé

**Oração fúnebre pronunciada pelo Exmo. Snr. Arcebispo
Metropolitano após a missa do 7º dia.**

Nesta circunstância dolorosa do falecimento do nosso inesquecível amigo Dr. José Barnabé de Mesquita ele tem sido exaltado como grande jurista, por muitos anos Presidente do Tribunal de Justiça, fecundo escritor, apreciado orador, poeta inspirado, dotes que lhe deram a supremacia nas Letras Matogrossenses como Presidente da nossa Academia de Letras; historiador profundo e pesquisador paciente, foi o fundador do Instituto Histórico e Geográfico de Mato-Grosso.

Nesta oração fúnebre, porém cumpre-nos salientar nele o homem de fé católica. Não é predicado desprezível este, muito pelo contrário é o que mais valeu na hora da morte.

Aparentado com Dom Aquino sempre lhe esteve ao lado como coluna de apóio nos empreendimentos apostólicos do grande Arcebispo.

Por 20 anos foi Diretor de “A Cruz” e fez deste mister um verdadeiro apostolado. Inútil dizer que foram anos de vida brilhante do mais antigo jornal do Estado. Praticou a sua Religião sinceramente e fez parte das Associações Religiosas que constituem a fina flor dos católicos: foi Vicentino fervoroso e se dedicou com carinho ao amparo dos pobres que ele visitava em seus tugúrios para enxugar seus prantos e minorar-lhes os sofrimentos com o conforto e o auxílio material para suas necessidade mais prementes. Morreu como Presidente do Conselho Arquidiocesano, órgão que dirige todo o movimento das Conferências na Arquidiocese.

Presidente da Liga do Senhor Bom Jesus, por muitos anos consagrou particular amor e dedicação para com o Divino Padroeiro de Cuiabá. Frequentava suas Missas nas sextas feiras, fazendo com fervor a comunhão. Estudou com muito interes-

se o histórico desta devoção em Cuiabá. O atual Arcebispo encontrou nele um fiel e solícito repositório de informações seguras em seus estudos feitos ultimamente sobre esta devoção que forma a alma da heróica história do povo cuiabano.

Dr. Mesquita foi outrossim piedoso irmão da Irmandade do Santíssimo Sacramento e quis ser sepultado com a opa, habito da Associação. Era edificante sua piedade Eucarística. Todos os dias visitava Jesus Sacramentado na nossa Catedral. Comungava freqüentemente e a todos edificava com sua presença nos tríduos preparatórios e na Comunhão Pascal anual dos homens na tradicional Festa do Bom Pastor. No Congresso Eucarístico de Cuiabá em 1952 seu discurso foi um dos mais belos naquele magno certame de fé do povo matogrossense. Nas Procissões de Corpus Christi esteve sempre com sua opa a montar guarda ao Santíssimo Sacramento e a levar a vara do Pálio.

Na sua última doença quis comungar com freqüência, e o teria feito todos os dias se o Sacerdote tivesse podido levar-lhe Nosso Senhor cotidianamente. O Pároco da Catedral na última enfermidade ao visitá-lo, sempre o encontrou com o terço na mão a rezar.

Na sua profissão de jurista foi um esteio dos direitos da Igreja e da causa de Nosso Senhor.

De Dom Aquino mereceu toda confiança e foi seu testamenteiro.

Quando esteve em ruína o presbitério de nossa Catedral ele se interessou por sua reconstrução e contemplou a obra com seus generosos donativos. Só de uma vez ofertou quarenta mil cruzeiros.

Como orador de fôlego foi sempre a voz que representou o povo cuiabano nas grandes manifestações católicas. Instruído da doutrina da Igreja falava com autoridade, com uma precisão de linguagem digna de um teólogo.

Por todos estes motivos ele pode ser apontado qual modelo para os homens de Cuiabá.

Servo fiel o Senhor Bom Jesus já lhe terá dado a recompensa do bem que fez.

Em janeiro deste ano obtivemos de S. Santidade o Papa João XXIII, que fossem declarados privilegiados os quatros altares da nossa Catedral.

Segundo este privilégio obterão indulgência plenária, is-

JOSÉ DE MESQUITA - IN MEMORIAM

to é, perdão das penas que ainda tiverem a pagar no Purgatório, todos os mortos pelos quais se rezar a Missa em qualquer dos altares desta Catedral.

É então muito consolador para nós saber que o nosso grande amigo pelo qual rezamos a Missa de 7º Dia já está no céu a gozar da doce visão daquele Deus que foi toda a razão de ser de sua vida.

A luz, perpétua, pois lhe brilhe eternamente. Assim seja.

ACADEMIA MATOGROSSENSE DE LETRAS

José de Mesquita

A leitura de “Notas Paulistas”, na gazeta que Estevão de Mendonça e Amarílio de Almeida fundaram, a 3 de março de 1910, em moldes diferentes dos adotados pela imprensa cuiabana, surpreendeu-nos com acentuada vocação literária de jovem autor que desconhecíamos.

A sua adolescência desenvolvera-se depois que partimos para terras distantes, quando a comunicação entre Cuiabá e a Capital Federal arqueava-se por extensa via fluvial, através de Assunção, Buenos Aires e Montevideu, que se afigurava engravescer a ausência, tornando-a mais afastada. O estrepante, José de Mesquita, freqüentava, então, a Faculdade de Direito de São Paulo, à semelhança de outros conterrâneos, que a procuram, desde o triênio imediato à sua inauguração, como A. Navarro de Abreu, João Gaudie Ley, José da Costa Leite Falcão, matriculados em 1831, conforme ele próprio assinalaria em “Os Primeiros Bacharéis Matogrossenses”.

Nascido em Cuiabá, a 10 de março de 1892, viu-se aos cinco meses, órfão de pai, advogado homônimo, também dado às letras, que praticava no jornalismo e na tribuna de conferências. Coursou as humanidades no Liceu Salesiano de São Gonçalo, dirigido pelo Padre Helvécio Gomes de Oliveira, mais tarde arcebispo de Mariana, que se comprazia em estimular os seus alunos aos estudos, principalmente quando lhes percebesse inequívocos pendoros literários.

Bacharel em Ciências e Letras, ao findar 1907, alegrou-se em conhecer a Paulicéia, onde não lhe faltaram colegas de iguais anelos de arte, com quem se arrojaria a aventuras intelectuais.

Diplomou-se com a turma de 1913, depois de ter colaborado no órgão do “Centro Acadêmico Onze de Agosto” e em vários semanários.

A pouco e pouco se afastou das crenças trazidas do lar, reconstituído pelo consórcio da viúva, Da. Maria de Cerqueira Caldas, com o Comendador Antonio Tomaz de Aquino

JOSÉ DE MESQUITA - IN MEMORIAM

Corrêa, que também perdera a esposa, Da. Maria d'Aleluia Gaudie Ley, de quem proveiu, com outros irmãos, D. Francisco de Aquino Corrêa, predestinado a luminosa trajetória, até dignificar o Arcebispado de sua terra natal. O afastamento que separou os dois mimosos da inteligência, facilitaria o passageiro antagonismo religioso, que ameaçou desuní-los definitivamente. Enquanto o acadêmico se aproximava de Renan e de outros guias dos livres-pensadores, o enteado de sua piedosa mãe permanecia em Roma, donde tornaria com o diploma de doutor em teologia e filosofia e ensinamentos que neutralizassem as dúvidas fraternas.

Embebido de leituras de quanto lhe cegasse ao alcance, valeu-se Mesquita da pena para fixar as suas impressões, acolhidas de bom grado por Estevão de Mendonça, consoante recordaria à beira do túmulo do amigo prestante, que também o fôra do seu genitor, ao proferir palavras de despedidas, em nome do Instituto Histórico e da Academia Matogrossense.

“Foi por suas mãos experientes e dedicadas que, estudante ainda, comecei a escrever no jornal “O Comércio” e que dei os meus primeiros passos na árdua profissão da advocacia.”

Coube, em verdade, a essa folha revelar aos conterrâneos o incipiente escritor, que nos apressamos em conhecer, assim que se nos deparasse oportunidade.

Nossos rumos divergiam, pela profissão diferente e centros de aprendizagem, que nos atraíram respectivamente para São Paulo e Rio de Janeiro.

Não obstante, houve ensejo de nos encontrarmos, logo após o seu regresso à Capital matogrossense, esperançoso e confiante no futuro.

Imediatamente, começou a amizade, que viçou pela vida afora, quando lhe acompanhamos, com incontidos aplauso, a carreira ascendente, desde professor na Escola Normal (1914), e procurador Geral do Estado de Mato Grosso (1915), a diretor da Secretaria do Governo (1916), a juiz de Direito da Comarca do Registro do Araguaia (1920) e, por fim, a desembargador do Tribunal de Apelação, cuja presidência exerceu por mais de um período.

As relações, que se enraizavam na mútua estima e acentuadas afinidades morais, intensificaram-se ainda mais,

ACADEMIA MATOGROSSENSE DE LETRAS

durante o decênio, que o destino nos reteve em Cuiabá, a partir de 1916.

Com a alegria de viver, irradiava simpatia e entusiasmo, de sorte que não lhe foi difícil promover o convocação de parceiros compreensivos para memoráveis campanhas ideológicas.

O Bicentenário da fundação de Cuiabá, que se avizinhava, ao despertar animação geral, estimulada pela euforia econômica, embora passageira, não deixaria de inspirar-lhe a atuação patriótica, mediante fecundas iniciativas, que tiveram o seu eficaz apoio e cooperação. Aliás, a cidade, plantada pelos bandeirantes no recesso dos sertões, vibrou de júbilo coletivo naquela quadra memorável, marcada pela fundação do Instituto Histórico de Mato Grosso, ao raiar o mês de janeiro, embora adiasse a inauguração solene para data oportuna.

Nesse dia, a capital matogrossense despertou pelas quatro horas da madrugada, ao estrugir de foguetes e salvas, e ao som marcial de fanfarras e clarins, que percorreram as principais ruas, até a Praça da República, onde se erguia. vistoso altar com a histórica e sagrada imagem do Senhor Bom Jesus de Cuiabá, no átrio da catedral metropolitana.

Realçando a decoração festiva em torno, grandioso arco, encimado pela bandeira do Estado, ostentava a inscrição: **“Salve 8 de abril de 1719 - 8 de abril de 1919”**.

A hora aprazada, o venerando arcebispo D. Carlos Luis d'Amour começou a missa campal, na presença do Presidente do Estado e seus secretários, magistrados, congressistas, autoridades graduadas e numerosa assistência.

Terminada a cerimônia religiosa, ouviu-se o hino a Mato Grosso, letra de D. Aquino, cantado por alunas da Escola Modelo, e sem demora, a oração do deputado e major Joaquim Gaudie de Aquino Corrêa, que discorreu com eloquência acerca dos acontecimentos regionais.

Mais de duas mil crianças de várias escolas desfilaram. em seguida, diante do Palácio do Governo, onde já se achava o Presidente D. Aquino Corrêa, que, a noite, compareceu ao Palácio da Instrução, acompanhado de individualidades de escol, para inaugurar solenemente o Instituto Histórico, enquanto na praça próxima se exibiam, para o povo,

JOSÉ DE MESQUITA - IN MEMORIAM

filmes de assuntos matogrossenses cedidos pela Comissão de Linhas Telegráficas.

Proferiu, então, formosa alocução, em que indicou a expressiva divisa que a entidade nascente adotou, ufana: “**Pro pátria cognita atque immortalis**”.

Quando se resumissem as comemorações apenas aos atos, festivos do dia 8 de abril, já estaria bem assinalada a passagem do bicentenário, que, todavia, ainda continuou a inspirar várias festas populares, nos meses seguintes, em que se realizaram congadas, danças folclóricas, inaugurações de obras públicas. Várias, porém, se adiaram até a semana de encerramento, honrada, a 30 de novembro, com a presença do Núncio Apostólico, D. Angelo Scapardini, que assim atendeu ao convite presidencial, acompanhado do Bispo de Corumbá, D. José Mauricio, de Cáceres, D. Luis Maria Gallibert e outras autoridades, que se harmonizaram com o ambiente social.

Durante a sua permanência em Cuiabá, onde recebeu carinhosa manifestação popular, franqueou-se ao tráfego urbano de automóveis à Avenida Presidente D. Aquino, assim designada, na ocasião.

A inauguração, de melhoramentos na Santa Casa de Misericórdia, da nova Igreja Matriz de S. Gonçalo, da Praça Luis de Albuquerque, de novas obras no Campo de Demonstração, constituíram outros tantos números do programa, que só terminou a 9 de dezembro, com o regresso dos visitantes de alta hierarquia.

Além de contribuir em mais de uma comissão, Mesquita pessoalmente levou aos prelos, na tipografia de J. Pereira Leite, seu amigo, a coletânea “Poesias”, com o subtítulo “Do Amor, Da Natureza, Do Sonho, Da Arte”.

Equivalia a sintética mensagem, mais expressiva ainda na declaração, datada de “Cuiabá MCMXIX”, que a precedeu:

“A Mato Grosso, minha querida terra natal, na data festiva do seu Bicentenário, dedico as primícias de um espírito que se formou na visão do seu passado tradicional e no sonho do seu futuro luminoso”.

O amor à vida rompia-lhe das Estrofas consagradas do seu culto à mulher, raramente repassadas de desânimo:

ACADEMIA MATOGROSSENSE DE LETRAS

“O poeta é como o alquimista
da lenda medieval...

E a tortura que o contrista
é, no seu sonho de artista,
nunca encontrar o ideal.”

Mais tarde, com análogas inspirações, publicaria “Terra do Berço” (1927), “Da Epopéia Matogrossense” (1930), “Os Poemas de Guaporé” (1949) além de poesias de encantador lirismo, em “Três Poemas da Saudade” (1943), “Escada de Jacó” (1945), “Roteiro da Felicidade” (1946).

Quando se organizou o Instituto Histórico de Mato Grosso “uma das mais significativas comemorações do Bicentenário”, no frasear expressivo de D. Aquino Corrêa, incluiu-se entre os seus membros mais diligentes desde as providências preparatórias.

A idéia empolhara na “Comissão Promotora da Comemoração do Bicentenário de Cuiabá”, mas somente se tornou exequível depois que o delegado do Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro, Dr. Eurico de Góes, oferecendo a colaboração desta veneranda instituição, que representava, obteve o amparo decisivo do Presidente de Mato Grosso.

A proteção do insigne prelado, que na ocasião governava o Estado, garantir-lhe-ia o prestígio e prosperidade por longo período.

Certo, não lhe negaria Mesquita a sua cooperação eficaz, onde, quando, e como se tornasse necessária. Mas desejaria conferir às belas letras a primazia, acorde com as suas preferências estéticas.

Então, irmanado a João Barbosa de Faria e Lamartine Ferreira Mendes, promoveu a convocação de futuros confrades, que também reconhecessem a “imperiosa e inadiável necessidade de um centro intelectual que congregue e aproxime o escol do pensamento, a aristocracia das idéias, servindo, assim, permita-se-nos a expressão, de um cadinho que faça fundir num só ideal superior e coletivo, as múltiplas aspirações da classe pensante”.

Eram propósitos que expendera pela imprensa, desde 1916, relembrados em sessão de 22 de maio de 1921, quando ficou deliberada a sua fundação.

JOSÉ DE MESQUITA - IN MEMORIAM

O Instituto não lhe bastava, por se destinar especialmente às pesquisas históricas.

Queria mais liberdade de ação, em que se expandisse à fantasia criadora.

De Ramalho Ortigão sentenciou Eça de Queiroz, ao exaltar-lhe a individualidade vigorosa, que não era apenas autor das “Farpas”, cuja influência literária, artística e social em Portugal o tornou famoso, mas também o fenômeno inverso.

As “Farpas”, por sua vez, o modelaram de certo modo, ampliando-lhe as idéias e aformoseando-lhe a expressão, por maneira que o escritor se tornou mais compreensivo e capaz de expor claros pensamentos em linguagem elegantemente plástica.

Semelhantemente, poder-se-ia dizer que não foi José de Mesquita somente o principal criador do Centro, transfigurado na década seguinte, a 7 de setembro de 1932, em Academia Matogrossense de Letras.

Identificou-se intimamente com a instituição, a exemplo de seu guia literário e modelo. Devotara-se Machado de Assis, na última fase da sua existência, com solicitude paterna, a fortalecer a nascente Academia Brasileira de Letras, ao imprimir-lhe o viço e a marca das organizações imoredouras.

Mais do que o Mestre, glorioso em sua velhice veneranda, Mesquita começará, em ambiente acanhado, por despertar as tendências agremiativas de possíveis e estimulá-los à missão radiosa.

E dava o exemplo de irrestrita dedicação ao cenáculo de que era o obreiro infatigável.

Os companheiros, que o auxiliavam de boa mente, saberiam que, em caso de falharem, a tarefa respectiva não pereceria, sustentada pelo operoso Presidente, que a tudo atendia, discretamente, sem pretensões de empolgar o mando indesejável.

Organizador dos programas lítero-musicais, em que se convertiam as sessões do sodalício, instava pela colaboração feminina, que não lhe faltou, aumentando-lhe a influência na sociedade cuiabana. E a tudo cumpria-lhe atender, fosse quanto à parte intelectual, fosse em relação a providências de ordem material, antes da aquisição da sede própria, mercê da boa vontade do governo Estevão Corrêa, que,

ACADEMIA MATOGROSSENSE DE LETRAS

solicitado por individualidades de prole, desapropriou, a 14 de janeiro de 1926, a casa em que residiu e veio a falecer o Barão de Melgaço.

Todavia, não se ultimou na época a doação, de que, decorrido sombrio quadriênio, trataria o decreto de 23 de novembro de 1930, do Interventor Federal Coronel Antonino Mena Gonçalves, subscrito pelo Secretário Geral, então Virgílio Corrêa Filho: “Considerando que fôra a aquisição feita em atenção a um grande movimento popular, visando a fazer perdurar na referida casa o mesmo ambiente de intelectualidade que ali existira em vida do bravo almirante e maior conhecedor das cousas matogrossenses no seu tempo”, e por outros motivos citados, rezava o artigo I:

“A Casa de Melgaço, sita à rua do mesmo nome e de propriedade do Estado, fica destinada, a partir desta dada, a ser sede efetiva do Instituto Histórico de Mato Grosso e do Centro Matogrossense de Letras”.

As providências indispensáveis à transmissão de posse, que exigiram a escritura de 15 de abril, alongaram-se até 24 de junho de 1931, quando, em sessão solene, presidida por D. Aquino Corrêa, registrou-se a inauguração da nova sede social. Mesquita exultou.

A sua animação prazenteira comunicava-se facilmente aos confrades, que lhe apreciavam e louvavam o idealismo, capaz de operar o milagre de superar os obstáculos opostos pelo meio às organizações análogas. Analisara-lhe as causas do malogro, que oportunamente iria historiar e por isso redobrava de esforços para que não se repetisse o triste fadário em que pereceram as associações fundadas outrora.

Correspondia-se ativamente com os grêmios congêneres, de outras regiões, com os amigos dispersos pelo Estado, ou além, com todos quantos revelassem tendências semelhantes. Não admira que, assim orientado e conhecido, viesse atuar, em certo momento, na própria Capital Federal, de maneira surpreendente, ao salvar do soçobro auspiciosa idéia, que apoiara, com fervor.

Em meio de promissoras expectativas, inaugurava-se, em verdade, a 3 de maio de 1936, o “Congresso das Associações Literárias”, promovido pela Academia Carioca de Letras.

JOSÉ DE MESQUITA - IN MEMORIAM

Delegado genuíno da Academia Matogrossense, que se distinguiu pelo avultado número de inscrições individuais no Estado, 22, apenas inferior às que se verificaram no Distrito Federal, coube-lhe a Vice-Presidência da Mesa Diretora, de que era Presidente o Professor Fernando de Magalhães, representante da Academia Brasileira. Apesar de chefiar a entidade, que tomara a iniciativa de congregar os escritores de todo o país, para acordarem providências de interesses da classe, Afonso Costa não conseguiu triunfasse a idéia fundamental do seu programa. Elaborava com carinho a tese de título expressivo: “Da Federação das Academias de Letras e suas vantagens”, cujas conclusões a comissão examinadora não endossou.

Ao negar-lhes o seu apóio; o Congresso perderia, com a impugnação do conceito principal, o próprio objetivo, que lhe inspirou a convocação. Esvasiava-se de conteúdo ideológico.

Foi nesse lance desconcertante que Afonso Costa, derrotado como autor da tese, cuja publicação, todavia, fôra autorizada, recorreu a Mesquita, com quem freqüentemente se carteava de longa data. Conhecia-lhe os pensamentos favoráveis à iniciativa e não titubeou em solicitar-lhe o eficiente concurso. “Veio, então, a indicação que, a meu pedido, José de Mesquita, da Academia Matogrossense de Letras, apresentou e defendeu, sendo aprovada naquela sessão”, como lembraria, depois da vitória, o Presidente da Academia Carioca.

Subscrita, a 12 de maio, por nove representantes de academias estaduais, comungantes nas mesmas pretensões, celeremente suplantou os preconceitos que impediram a aceitação da tese afonsina, de propósitos equivalentes.

“Fica instruída, desde já, assim prescrevia o artigo primeiro, a Federação das Academias de Letras do Brasil, com sede no Rio de Janeiro, organizada conforme a regulamentação que se lhe venha dar”.

E assim foi que, mercê da intervenção oportuna de José de Mesquita, salvou-se do aniquilamento o plano em que Afonso Costa concentrara, sem êxito, as suas mais exaltadas convicções.

Atuou decidido e confiante, por bem compreender as vantagens de maior intercâmbio entre os intelectuais, que ele próprio desenvolvia em mais estreito âmbito.

ACADEMIA MATOGROSSENSE DE LETRAS

Fossem afamados homens de letras, que aportassem a Cuiabá, ou estreates, manifestassem aptidões aproveitáveis, não tardava o acolhimento estimulador de Mesquita, que se tornou o protetor espontâneo dos jovens. Para inequívocante evidenciar o seu apreço pelos que se esforçavam em comprovar os próprios méritos, criou na “Revista do Centro Matogrossense de Letras”, cujo primeiro número veio a lume em janeiro de 1922, a “Página dos Novos”, como igualmente as “Páginas Esquecidas”, de homenagem a autores de antanho.

Destarte diligenciava aproximar as gerações passadas, a que os poetas serviam de intérpretes das contemporâneas, e até das futuras, que surgiam com os seus inquietos partidários. Compreendia-lhes os anseios, a que propiciava ensejo de divulgação, por meio da “Revista”, coordenadora das atividades culturais de Mato Grosso.

De sua parte, era o mais assíduo colaborador, cujo nome figurou no sumário do número inaugural com um soneto, o primeiro da série, que se definiria mais acentuadamente no terceiro, de junho de 23, em que proclamou a sua profissão de fé literária.

“O meu máximo ideal artístico é a Beleza,
mas a Beleza estrema e perfeita e acabada,
o labor de arte que completa a natureza,
e torna numa estátua a pedra trabalhada.”

O culto absorvente em que se afervorava não somente lhe inspirou versos de sabor parnasiano, a que sucedeu, mais tarde, o feitio modernista, como igualmente a harmonia da prosa castiça.

Crônicas, romances, contos, em que mais de um crítico lobrigaria influência machadeana, firmaram-lhe o prestígio de escritor deserto. “A Cavahada - Contos Matogrossenses” (1928), “Espelho das Alma”, (premio da Academia Brasileira de Letras, 1932), “Piedade”, (romance, 1937), “De Livia a Dona Carmo”, (ensaio em que evocou as “mulheres na obra de Machado de Assis”, 1939), “No Tempo da Cadeirinha”, (1946), a variedade do gênero literário servia para comprovar a agilidade mental do prosador, cuja linguagem esmerada e polida, jamais descambou para intencionais deslizes de pensamento ou de expressão.

JOSÉ DE MESQUITA - IN MEMORIAM

Apesar de se consagrar ao engrandecimento da Academia, sem prejuízo da judicatura, que exercia superiormente, como reconheceram os seus pares, quando o reelegeram, mais de uma vez, para a presidência do Tribunal de Apelação, ainda dispunha Mesquita, de reservas de energia moral para sadias aplicações. Abjurando irrestritamente a incredulidade que o desviara das tradições de família, na fase acadêmica, aproximou-se cada vez mais da Igreja, de que se tornou estrênuo paladino, como auxiliar de confiança do Arcebispo Dom Aquino Corrêa. Redator principal do semanário católico local - A CRUZ -, mereceu do Papa Pio XI a comenda da Ordem de São Silvestre, pelos serviços prestados à Ação Católica (1933). E como se não lhe pesassem tamanhas atribuições, ainda se afeiçoaria progressivamente ao Instituto Histórico, de que fôra um dos fundadores, e por isso, não recusara as responsabilidades de orador oficial.

Cumpriu-lhe, nesse posto, fazer o elogio histórico do Dr. Antonio Corrêa da Costa, publicista e ex-presidente de Estado, do Arcebispo D. Carlos Luis d'Amour e Modesto de Melo, do General Caetano de Albuquerque, do professor João Pedro Gardez, do naturalista Carlos Lindmann, de Emanuel Amarante e Otavio Pitaluga, militares, do desembargador Luis da Costa Ribeiro, do Bispo D. Antonio Malan, do General Malan d'Angrogne, somente até o número XLIV da Revista.

A tarefa exigia-lhe pesquisas, a que se entregou cada vez mais acuradamente, conforme evidenciou magnífica série de ensaio de real valia histórica. Para firmar os fundamentos da "Genealogia cuiabana", considerou diversos ramos - "André Gaudie Ley" - "Nobiliário matogrossense" - "Corrêa da Costa", "Prados e Figueiredos", "Alves Corrêa e Moreira Serra", "Mesquita Muniz e Pinhos e Azevedo", títulos em que se desdobravam as suas percucientes investigações pelos arquivos públicos e eclesiásticos, em que tinha fácil acesso, como por igual nos cartórios.

Em biografias separadas, tratou, de "Um homem e uma época" - "Monsenhor Bento Severiano da Luz", que o Instituto Histórico admitiu na classe de sócio correspondente, em 1892, de João Poupino Caldas e Manoel Alves Ribeiro, dous caudilhos de inquieta liderança regional, do Taumaturgo do Sertão (frei José Maria de Macerata), que logrou fama de santidade, propagada pelo povo.

ACADEMIA MATOGROSSENSE DE LETRAS

Além dos temas individuais, também versou, com análoga perspicácia, outros, de ordem geral, como "Grandeza e Decadência da Serra Acima", "As Acrópoles Cuiabana", "Os Jesuítas em Mato Grosso", "A Chapada Cuiabana", (Ensaio de Geografia humana e econômica, oferecido ao IX Congresso Brasileiro de Geografia), "Gente e cousas de antanho", série de encantadoras crônicas, a exemplo de Vieira Fazenda, que se estenderam por vários números da Revista.

As suas contribuições, indicativas de espírito pesquisador, recomendaram-no à atenção do Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro, que o acolheu jubilosamente.

Ao tomar posse da cadeira de correspondente, a 26 de janeiro de 1939, o discurso que proferiu, acerca de "O Sentimento de Brasilidade na História de Mato Grosso" evidenciou-lhe não somente os anseios do civismo e conhecimento do passado, como ainda os dotes oratórios, cultivados nas tribunas que freqüentava, principalmente em Cuiabá, do pretório à Academia e ao Instituto. Por lhe conhecerem e exaltarem a eloqüência, freqüentes vezes seria solicitado por associações desejosas de ouvir-lhe a palavra conceituosa e apostolar. E tanto louvava a obra salesiana "Nos jardins de São João Bosco", em mais de uma ocasião e evocava "Um Paladino do Nacionalismo", (J. V. Couto de Magalhães), como trataria de "O Catolicismo e a Mulher", ao inaugurar a Liga das Senhoras Católicas, no Asilo Santa Rita (1925), ou sublimava a missão dos professores em "Semeadoras do futuro", ao paraninfar as normalistas de Cuiabá (1929) e "Professoras Novas para um Mundo Novo", na solenidade da colação de grau às Professoras no Liceu Campograndense (1939), ou apontava "O sentido da literatura Matogrossense (1937)" e "O Exército, fator de Brasilidade" (1941). Em todas as oportunidades revela-se o homem de letras, ansioso de perfeição, irmanado ao estudioso do passado nacional, que sabia interpretar com a clarividência de magistrado judicioso.

E no procedimento, a mesma superioridade com que discretamente se ocultava, para que apenas lhe revelassem as qualidades estimuladoras da convivência humana.

A bondade espontânea, em primeiro lugar, que o levava, por um lado, a praticar as atividades caritativas da associação de São Vicente de Paulo, de que era fervoroso adepto, e por outro, a ampliar as suas relações por vários ramos da sociedade,

JOSÉ DE MESQUITA - IN MEMORIAM

sem distinguir ricos ou pobres, sábios ou indoutos, qualquer que lhes fosse a pigmentação da pele.

Eram seres humanos e tanto bastava para lhe merecerem a amizade, desde que se recomendassem pela correção do proceder. No lar, que por amor constituiu, imperavam análogos sentimentos, de que participava toda sua digna família, desde a tia veneranda, cujo centenário, já doente, festejou, até o caçula, ainda infante.

A paz venturosa que o envolvia começou a perturbar-se com a enfermidade que o trouxe ao Rio, para ser submetido à intervenção cirúrgica, recomendada para o caso. Apesar da operação, aliviadora em curto prazo e do desvelo incansável da sua carinhosa esposa, assistida pelos filhos e outros membros da família, o mal progrediu, privando-o, por fim, de ler e escrever, a quem tanto se comprazia no convívio dos livros.

Ao sucumbir, já lhe estaria até esmorecida, com a agravação dos sofrimentos, a resignação dos primeiros meses, cristãmente suportados. Afinal, descansou, deixando aos seus a herança de um nome glorioso, sublimado pela integridade moral, com a saudade de chefe estremecido. Os pezares não se limitaram ao lar outrora ditoso, enlutado a 23 de junho, quando lhe sobreveio o desenlace. Envolveram as associações que fecundara com radioso idealismo, especialmente a Academia Matogrossense de Letras e o Instituto Histórico de Mato Grosso, que a sua inteligência peregrina irmanou no mesmo carinho.

Difícilmente encontrarão quem o substitua, com equivalentes credenciais, de cultura embebida de humanismo, capacidade rara de trabalho e vontade resoluta de bem servir a coletividade, a que se irradiava a sua simpatia envolvente.

Virgilio Corrêa Filho.

(Conferência proferida no Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro, a 26 de julho de 1961)

ACADEMIA MATOGROSSENSE DE LETRAS

Correspondência de José de Mesquita

Tem-se discutido sobre a conveniência da publicação póstuma das cartas de escritores ou outras pessoas ilustres. Alguns se opõem a essa divulgação, dado o caráter íntimo de tais escritos. Mas a opinião contrária tem prevalecido, eis que as cartas vêm quasi sempre completar a personalidade do individuo, iluminando-lhe alguns pontos obscuros ou controvertidos.

No que se refere a José de Mesquita, os redatores desta Revista não tiveram dúvida quanto à oportunidade da publicação de algumas das cartas que, ao longo dos anos, ia dirigindo a amigos e confrades. Confirmam elas os marcantes atributos humanos do pranteado acadêmico, inclusive a bondade e a cordialidade. Outras aspecto que se verificará pela leitura que se segue é seu interesse pela nossa Academia, uma das suas preocupações mais constantes. Enfim, supomos que a homenagem que ora prestamos a José de Mesquita não ficaria completa, sem esta pequena amostra dos tesouros de amizade que dispersou nas suas cartas. E, se este exemplo for bem compreendido, que outros confrades continuem, nos futuros números desta Revista, a divulgação ora encetada.

A título de esclarecimento, anotamos que as reticências indicam que foram suprimidos trechos das cartas, considerados irrelevantes para a publicação.

A ANTÔNIO DE ARRUDA

RIO, 11. 1. 1954

Meu amigo e colega Antonio de Arruda

As suas amáveis letras de 4 somente ontem me chegaram às mãos e isso por motivo de nossas constantes saídas num turismo de pequenos percursos, que constitui a atual viagem de férias que fazemos. Passamos dias fora, um na Ilha do Governador e outro em Paquetá, devendo, nestes breves dias,

JOSÉ DE MESQUITA - IN MEMORIAM

ir fazer uma temporada de uma semana em Araruama. O calor carioca, extremado neste tórrido janeiro, corre com a gente para longe, mesmo os fans da apesar de tudo maravilhosa cidade, como me ufano de ser.

Muito me satisfiz a sua carta, sobretudo pelo que revela de interesse pelas coisas da nossa Academia, que, como disse, sinceramente, não poderia deixar em melhores mãos. Julgo de muito acerto a nomeação da Comissão para ir entender-se com o Governador, acerca das nossas necessidades, que reputo mínimas, enumeradas por você: pintura, retelhamento e armários.

Quanto ao caso da zeladoria, há muito vinha convencido da necessidade de uma providência, consistente na substituição do atual serventuário, que, por suas condições de saúde, já não dá conta dos encargos, mas dadas as minhas relações de compadresco e amizade com o mesmo, ia, sem o sentir, protelando a solução do assunto. A deliberação de vocês, mesmo no tocante à escolha do substituto, que julgo em condições, somente pode, assim, merecer, da minha parte, plena acolhida, tanto mais que me deixa à vontade, não interferindo diretamente, eu melhor, pessoalmente, no caso, de modo a não criar qualquer ressentimento por parte do Agostinho, que, afinal, deve compreender que o auxiliamos bastante, longos anos, justamente quando ele mais necessitava. Faço votos que tudo se encaminhe bem, e no sentido dos altos interesses da “Casa de Melgaço”, pela qual temos todos o mesmo carinho, e a mesma dedicação. . . . Bem, já me alonguei muito, a tomar o seu tempo, bastante tomado pelos encargos da sua judicatura, enquanto o meu, no momento, é folgado, como o de um causídico em férias. Mas, o prazer de conversar, mesmo à distância, com um verdadeiro amigo, leva-nos a expansões que ultrapassam a medida.

Aqui fico, pedindo-lhe transmitir à Lélia as lembranças de Laura, e às crianças os beijinhos do José Carlos. Para V. um grande abraço, cordial e saudoso, do confê. e amigo velho

Mesquita.

ACADEMIA MATOGROSSENSE DE LETRAS

Rio, 22. 1. 54

Bom amigo e distinto colega A. de Arruda

Em mãos as suas amáveis letras de 14, que muito agradeço. . . . Aqui, vamos bem, felizmente e o mesmo desejo aconteça a V. e os seus queridos. Fico ciente de quanto me diz acerca das coisas da nossa Academia. Louvo a sua deliberação de constituir a Comissão para ir ao Governador, eis que se trata de atribuição administrativa, e o assunto não comporta delongas, além das que, naturalmente, devemos esperar por parte do governo. Pela sua carta é que vim a saber da ausência do Arcebispo e do Rosário, aos quais escrevera, não logrando resposta, somente agora tendo explicação desse silêncio. Também ao Luis-Philippe escrevi e ao Rubens, não sabendo, quanto a este, a razão de não haver respondido. Por um telegrama do Fernando, do dia 17, tive a grata notícia da remoção do Guy, que me trouxe grande satisfação, e acredito que, a esta hora, ele já esteja a caminho, si é que não está por aí. E a Organização Judiciária já saiu publicada? Quero-lhe pedir que me remeta um exemplar do diário em que sair ou o fascículo e bem assim 3 exemplares dos Anais Forenses, para colegas daqui que mo pedirem. Ainda não pude ter contato com os confrades da Federação das Academias e da Ac. Carioca, apesar de convidado a tomar parte nas sessões das mesmas: espero fazê-lo breve, pois a minha viagem a Araruama só será em fevereiro, devido ao tratamento de saúde do garoto, que nos obriga a permanecer no Rio até os começos do mês entrante.

Sem mais, no momento, e com as recomendações de Laura à sua senhora, beijinho do Zezinho às crianças, aqui vai o grande abraço saudoso do

confrade e amigo certo

Mesquita

JOSÉ DE MESQUITA - IN MEMORIAM

Santos, 26 - 1. 59

Caríssimo amigo e colega Arruda:

Logo que aqui chegamos, escrevi ao nosso Isác, felicitando-o pelo seu aniversário, e, por intermédio dele, lhe enviei os votos de feliz Ano-novo. Já prestes a encerrar a temporada santista, volto a escrever para dar-lhe nossas notícias e pedir as suas, sempre gratas. Temos gostado muito desta encantadora cidade, turística por excelência, e aproveitado os prazeres da praia e das pitorescas excursões, qual a qual mais interessante. A colônia cuiabana aqui é apreciável e já temos encontrado muitos contrerrâneos. Telefonei para a casa da Helena, filha do nosso saudoso Firmo, mas me não foi dado encontrá-la. Como vai a nossa terrinha? Espero que tudo bem e em paz. O Luis-Philippe avisou-me do recebimento da subvenção da Academia. Acredito que, a esta hora, já esteja em circulação a Revista, da qual pedi ao Rubens me enviasse uns exemplares. Bem, aqui fico, pedindo-lhe aceitar, com a Lélia, as lembranças da Laura e minhas, com um abraço ao Isác e outro para V.

Do amigo e confrade
Mesquita

Rio, 15. 2. 59
Arruda caríssimo:

Devem ter-se cruzado, nos caminhos do ar, as nossas cartas da segunda quinzena de janeiro, não havendo eu, ainda, respondido à sua devido à constante azáfama em que me tenho visto e que me vem absorvendo o tempo e privando do grato prazer de conversar com os bons amigos distantes, através da correspondência. Chegou-me às mão a sua aludida carta já nos últimos dias da temporada Santista, que esteve magnífica, e logo seguimos para S. Paulo, onde passamos seis dias de incessante movimento.A 6, viemos para o

ACADEMIA MATOGROSSENSE DE LETRAS

Rio, parando aqui no Santa Rita, que você conhece. Aconteceu logo o carnaval, parada forçada na vida carioca.

Ocorre que aqui a gente é muito mais procurada por parentes e amigos, sobretudo no S. Rita, que é um verdadeiro consulado cuiabano, donde se propaga a notícia da chegada à “Maravilhosa”.

Aí está justificada a delonga na resposta às suas letras, de cujos dizeres fico ciente, manifestando a minha inteira concordância com os mesmos. Já recebi a nossa Revista, que, sem falta modéstia, está ótima e felicito-o pela sua excelente contribuição à mesma. Faço votos que a Comissão que foi ter com o Governo tenha tido pleno êxito na sua embaixada, pois considero francamente calamitosa a situação da Casa de Melgaço (a Casa, no seu sentido material), sobretudo levando-se em contas o rigor das águas neste ano, que já determinou a enchente do rio, muito antes do tempo costumeiro.

Esteve aqui o Ary, que me deu a notícia transmitida pelo Oscarino, de um cogitado aumento de vencimentos para 30 mil, a contar de janeiro de 60, e faço votos que se concretize esse “boato”, pois, possibilitaria melhor padrão de vida aos nossos magistrados e aos nativos.

Bem, aqui faço ponto, com recomendações à sua Família, um abraço ao nosso Isác e outro para V.

Do amigo, colega e confrade
Mesquita

Cuiabá, 27. 3. 60
Arruda amigo:

Saúde e paz a V. e aos seus. Venho acusar recebido e agradecer-lhe, cordialmente, o valioso mimo que, em sua bondade, quis enviar-me, constante do interessante livro “As Seivas e o pantanal”, em que vem o meu conto, Corá, publicado há quase 30 anos na “Revista Nova”. Foi lembrança do amigo, eis que, ainda preso à rede, por prescrições médica, me proporcionou ótima leitura e distração. Tinha acabado de ler,

JOSÉ DE MESQUITA - IN MEMORIAM

oferecido pelo Rubinho, o “Machado de Assis e o Hipopótamo”, do Gondim da Fonseca. Já o conhece? Curiosíssimo estudo psicanalítico do grande autor de D. Casmurro. Por aqui, nada de novo além da agitação política, em torno das candidaturas. Ganhamos, no Tribunal, por unanimidade, a segurança, contra o ato do Governo que nos negou o direito aos 2/3. Bem, aqui fico, recomendando-nos aos seus, com um abraço ao nosso caro Isaac e outro para você, do

amigo, colega e confrade gratíssimo

Mesquita

Cuiabá, 5 - 12 - 60

Caríssimo Arruda:

Com grande satisfação recebi suas letras de 24. 11 pp., portadoras de boas notícias e apresso-me em respondê-las, começando por augurar-lhe e aos seus ótimos Natal e feliz entrada no Ano-novo. Aqui, vamos indo sem novidade, no ritmo costumeiro de vida provinciana. A nossa Academia continua em fase de hibernação — as obras, da “Casa de Melgaço” vão lentamente, mas, parece que ficarão prontas até fim de janeiro. Nos fundos, já se iniciou a construção da Faculdade de Direito, que assim será nossa vizinha. Enviei-lhe, conforme o seu pedido, por intermédio do Thierry, 8 exemplares da Revista, que estimo saber que lhe agradou. Si precisar mais, avise. As Diretorias, tanto da Academia, como do Instituto, foram reeleitas, sendo o Isác promovido a Presidente da segunda entidade. Estamos vendo si podemos reiniciar a publicação da Revista do I. H., parada por faltas de recursos. A Dunga conseguiu pôr a lume o livro do Firmo — belo gesto de carinho filial e bom serviço à nossa cultura. Eu estou projetando para o ano publicar o meu romance “Imagem de Jaci”, de que já têm saído vários capítulos no “O Estado”, onde, bem como n”A Cruz”, continuo colaborando.

ACADEMIA MATOGROSSENSE DE LETRAS

Bem, aqui fico, apresentando as nossas lembranças à sua Família, com um abraço ao Isác e outro para V.

do colega, confrade e amigo

Mesquita

Cuiabá, 2 - 1 - 61

Meu caro Arruda:

Seja esta primeira carta do ano mensageira dos votos de felicidade, que formulamos, no decorrer do mesmo, para você e a sua Família e também ao nosso Isác, a quem peço fazer chegar o cartão junto, de felicitação pelo seu natal.

Aqui, vamos vivendo na rotina de sempre. Eu, ainda às voltas com os achaques, que, em parte, atribuo à velhice, e, em parte, ao depauperamento em que fiquei, após a luta que tive de enfrentar.

Não me foi possível ir assistir à formatura do Fernando, que, entretanto, acompanhei longe, com viva satisfação. Assim deu-me Deus compensações ao meu sofrimento, pois, o José Carlos, também, foi bem sucedido nos exames, passando para a 3ª série ginasial. E os seus foram bem? Assim o espero.

Já está em circulação o livro do nosso saudoso Major Firmo, que o carinho filial da Dunga fez editar. Ela me trouxe um volume, como lembrança do “velho amigo do papai” — o que muito me sensibilizou. A nossa Academia continua em recesso. As obras paradas. Não reassumi a presidência, que continua nas mãos do Mendes. Recebeu as revistas?

Bem, aqui fico, enviando-lhe as nossas lembranças e o abraço **ex-corde** do

Velho amigo; colega e confrade

Mesquita

JOSÉ DE MESQUITA - IN MEMORIAM

Cuiabá, 16 - 1 - 61

Arruda amigo:

Com prazer, recebi a sua carta de 9, que me trouxe os seus bondosos votos de feliz ano, votos que retribuo, sinceramente almejando-lhe e aos seus queridos um 1961 cheio de venturas. . . . Aqui, vamos indo, no teor costumeiro — eu sempre às voltas com os achaques, agravado pelo nervoso, mas, “tenteando o barco”, como Deus é servido. A formatura do Fernando foi para mim grande conforto, embora não me fosse dado assistir a ela, como desejei tanto. Sou-lhe grato pelas boas palavras e votos que fez acerca do mesmo e da sua carreira. Recebi o cartão do Isác, agradecendo os cumprimentos e peço-lhe dar-lhe um grande abraço.

Novidades, poucas. Tivemos a eleição na A. L. M. — ou melhor, reeleição. . . . Bem, aqui fico, enviando recomendações nossas à sua digna Família e um abraço **ex-corde**

do colega, amigo e confrade

Mesquita

Cuiabá, 9. 2. 61

Meu prezadíssimo Arruda:

Recebi, com prazer de sempre, as suas amáveis letras de 4 que me apresso em responder. Aqui, vamos indo no teor costumeiro, eu ainda achacado e nervoso, conseqüência dos grandes abalos sofridos. Assim mesmo, reassumi a Presidência da nossa Academia, no dia 25. 1. pp., com o fito de dar um impulso ao sodalício, há longo tempo em recesso. Logo, reuni a Diretoria e combinamos fazer publicar os editais abrindo o prazo para o preenchimento das vagas existentes, e outrossim, marcar a data para a posse do 3 eleitos — 8. 1, do João Antonio Neto, a 22. 5, do H. Marcílio e a 13. 6, do Saboia.

Tivemos muita festa com a posse do novo governo, em

ACADEMIA MATOGROSSENSE DE LETRAS

que a nossa gente continua a depositar confiança, para nova era de progresso. O Napoleão já assumiu Paranaíba, donde espera remover-se breve, com o anunciado movimento da magistratura, a iniciar-se com a aposentadoria do Mariozinho.

Bem, aqui fico, enviando nossas recomendações à sua digna Família, um abraço ao Isác e outro para V. do

amigo **ex-corde**

Mesquita

Entre as cartas do saudoso José de Mesquita, que estão focalizadas nesta Revista especial em sua memória, não poderia faltar esta em que de maneira expressiva se refletem o coração e a alma do autor. Escrita há mais de vinte anos, a sua publicação encontra hoje os destinatários em plena realização dos votos cordiais que a missiva registra. Padre Wanir Delfino César, da Academia Mato-grossense de Letras, historiador, poeta e jornalista e Domingos Felix de Souza, Professor da Faculdade de Direito da Universidade de Goiânia e uma das mais brilhantes inteligências do Estado vizinho, com produções literárias as mais ricas da literatura goiana.

Cuiabá, 5 de dezembro de 1940

Meus queridos Wanir Delfino César e Domingos Felix de Souza:

Pensei e refleti, por algum tempo, o que lhes poderia dar de melhor, no dia da sua formatura ginásial e acabei convencido que nada mais assentado ao meu propósito que oferecer-lhes esses dois livros que aí vão — para Wanir, Doloras y Poemas, de Campoamor e para Mingo — Mireille de Mistral. Ambos vocês são poetas, ambos jovens e ambos religiosos. Que mais próprio, portanto, a marcar, de forma bem nítida, este dia memorável da sua vida e a lembrança do padrinho que sua bondade houve por bem escolher em minhas pessoa? A Religião, a Poesia e a Mocidade formam uma tríade de Beleza e Espiritualidade, que constitui o verdadeiro e único em-

JOSÉ DE MESQUITA - IN MEMORIAM

canto do viver. A Religião é a Poesia da alma, a Poesia, a Religião do Coração. E o que lhes dá maior realce é justamente esse frescor da adolescência, que empresta um brilho sempre novo às sensações da alma. Quero nesta simples oferenda de dois livros de poesias, em que a Fé e o Estilo, casadas ao Amor e à Tradição, se amalgamam e se adunam, traçar para vocês todo um programa de vida e todo um roteiro de arte. O lindo poema em que a alma da Provença se abre, doce como os seus figos - flores, é bem para nós um símbolo e uma lição, mostrando que o verdadeiro sentido da Poesia está na pureza virginal das impressões rústicas e das crenças dos nossos antigos. Os versos do oviedano, conquanto aparentemente amargos e desiludidos, possuem, todavia, também, esse dólido sabor, que nos faz ver na existência uma constante de Beleza e de Bondade. Com a Poesia, inspirada na Fé e sublimada pelo Amor, vocês, que Deus chamou para a mais alta missão que é dada ao homem sobre a terra, serão felizes. São estes os votos sinceros de quem, no meio das misérias do mundo e dos tremedais da vida, ainda crê, ainda ama, ainda espera - e vê na Religião e na Poesia os únicos elixires que sanam ou minoram as dores e angústias da pobre alma humana. Que Deus os faça felizes, dessa relativa felicidade que consiste em receber como ventura tudo que da sua mão dadivosa nos vem e saber doirar, pela Fé e pela Inspiração, os momentos fugazes desta vida efêmera e enganosa. E muito obrigado pela escolha que tanto me exalta e comove, na sua espontaneidade aflora sem disfarces ou segundas intenções. Para servi-los, no que possa, contem sempre com o amigo, padrinho e companheiro de ideal,

José de Mesquita

ACADEMIA MATOGROSSENSE DE LETRAS

REMINISCÊNCIAS

José de Mesquita
(Polígrafo e homem de bem)

Amidicis Tocantins

Quem biografar a vida preciosa e fecunda de José de Mesquita, o pranteado cuiabano há pouco falecido, ter-se-á que proceder não a simples descrição da existência de um homem de letras boníssimo, mas a profundo e detido exame do longo e brilhante período da própria história da literatura matogrossense, em que se encontrará o melhor da sua inteligência e o máximo de produtividade cultural que se poderia esperar de um espírito de escól, cento por cento acadêmico.

Personalidade multiforme e atraente, foi o Dr. Mesquita de uma capacidade de trabalho elogiável que o fez explorar todos os gêneros literários, com segurança e inteligência. Contudo não tenha cursado a rigorosa escola clássica de Dom Aquino Corrêa, vernaculista de polpa e de requintado gosto seiscentista, o seu estilo é de grande encanto de linguagem e repassado de amável sentimentalismo, qual mosto dulcíssimo que se desprende das uvas esmagada na lagar.

Grande idealista e amante do passado, vem-nos à memória aquelas doces reminiscências das páginas de puro sabor histórico que por muitos anos o jornalista literato manteve na velha "A Cruz", em magnífico rodapé domingueiro (Gente e cousas d'antanho) que fez época nos anais da crônica cuiabana, esclarecendo pontos obscuros da nossa História e rehabilitando nomes mantidos no pó do esquecimento.

Espírito jovial e comunicativo, de vera concepção democrática, franco de atitudes e amigo de todos que o procuravam, o Dr. Mesquita irradiava simpatia e sabia ser útil à coletividade em que vivia, particularmente à nova geração de intelectuais que o tinha em alta conta de guia e protetor das belas letras. Como bom mecenas que foi, muitos dos belettristas

JOSÉ DE MESQUITA - IN MEMORIAM

que aí estão, foram carinhosamente obsequiados com suas palavras de incentivo e coragem através de “Gente Nova” e outros sueltos do velho órgão da Liga Católica Cuiabana.

A nossa retentiva ainda guarda a saudação festiva, feita naquela seção de desfile sobre literatos incipientes, com que apresentou João Hamilton Rocha de Mattos e outros novos no mundo das letras.

O topiquista Hélio Maia, pseudônimo conhecido no meio literário de Cuiabá, manteve naquele hebdomadário outras colunas interessantes, entre as quais “Livro da Minha Estante” e “Canto de Páginas”, em que produziu primorosos trabalhos de puro labor artístico que o imortalizaram nas letras matogrossenses, para todo o sempre. Revistas e periódicos da época estão repletos de comentários que comprovam o valor do grande sueltista de perfeita pureza estética.

As musas mereceram-lhe um carinho todo especial, no seu imenso humanismo petrarquiano. Sendo a poesia a divina música da alma, como disse Campoamor, e ele poetando bem desde a infância, legou-nos um patrimônio lírico de inegável riqueza imaginativa, através de “Poesias”, “Terra do Berço”, “Da Epopéia Mato-grossense”, “Poemas do Guaporé”, “Escada de Jacó”, “Roteiro da Felicidade” e outros livros, afora contribuições esparsas em álbuns particulares. A faculdade poética deu-lhe, pois, notável inspiração e marcou o ponto alto de sua carreira literária. Seus versos estão impregnados da beleza da sua terra natal e parece até que estamos mesmo vendo brilhar do sarã sobre o rio Cuiabá e ouvindo o som murmuro das águas do poético Coxipó, que deslizam suavemente contornando pedrouços e por entre verdes vazezinhas até atingir a sua foz no plácido e piscosíssimo Cuiabá das heróicas monções paulistas.

Na literatura dita de ficção — romance e conto — ninguém o sobrepujou em nosso Estado, alcançando da imprensa indígenas e da crítica nacional economistas referências. Com efeito, foi mestre que é “Piedade” — o primeiro da trilogia “Piedade, Fé e Caridade” que, infelizmente, não se concretizou, — está repleto do bom provincianismo cuiabano, da sutilíssima psicologia humana, da alma encantadora das ruas e logradouros da “Cidade Verde”.

ACADEMIA MATOGROSSENSE DE LETRAS

Alia-se, ali o pitoresco descritivo da linguagem. . . técnica hábil, engenhosa, de pessoa que revela alta dose de sentimento artístico na concepção de uma obra prima.

Em seus livros de contos “A Cavalhada”, “Espelho das Almas” e “No Tempo da Cadeirinha”, nota-se a mesma linha de encanto estético que manobra através da criação dos vários personagens de virtudes provincianas sob esplêndida roupagem literária.

Grangeou nomeada não só como ficcionista, mas ainda como ensaísta e biógrafo, autor de livros como “A chapada cuiabana”, “De Livia a Dona Carmo” (as mulheres na obra de Machado de Assis), “Um taumaturgo do Sertão”, “Augusto Leverger, o bretão cuiabanizado”, “João Poupino Caldas”, “Manuel Alves Ribeiro” e outros trabalhos monográficos.

Ele, um verdadeiro fidalgo de nobre-linhagem de Diamantino, tal como os Ferreira Mendes, foi, também, para nosso gáudio, um grande conhecedor de laços parentescos das principais famílias mato-grossenses de alta prosápia. E a demonstração inequívoca de seus pendores genealogistas — tão forte quanto a ciência de um egiptólogo ao restaurar os anais de uma dinastia de faraós — ai estão através de acurados estudos sobre os “Corrêa da Costa”, os “Gaudie Ley”, os “Nunes Ribeiro” et coetera.

Apaixonado devorador de livros, anotava tudo o que lia e conseguiu armazenar, assim, no decorrer dos anos, um cabedal de apreciável conhecimento que, aliado às esplêndidas credenciais de inteligência e probidade profissional, conseguiu dotar a sua vida do sossego espiritual (eutimia) de que tanto carecia para o ritmo agradável (euritmia), harmonioso e tranqüilo da obra variada e valiosa que legou aos seus contemporâneos.

Na escalada gloriosa a que chegou o Dr. Mesquita, sobreleva notar que o segredo de sua arte — pois foi apolíneo em tudo o que produziu, — não se circunscreveu tão só à cultura poliforma que possuía, mas a sua ampla filosofia da vida e do Cosmo, com que enriqueceu o nosso patrimônio lírico e intelectual de maneira extraordinária.

Vai por quase um quarto de século quando o conheci bem de perto, intimamente, — eu, em plena maré de esperanças e ilusões, ele, meio avançado em anos e já então no apogeu de sua carreira literária,

JOSÉ DE MESQUITA - IN MEMORIAM

— e era de ver a despreziosidade e correção com que agia, norteado no culto severo da honra e da extrema dedicação a tudo e a todos, pelo que me felicito por esse fato particularíssimo da minha vida, num passado que já se vai tornando saudoso.

Exemplo de bravura indesejada, deu-o o grande polígrafo e homem de bem ao enfrentar a prepotência da pavonada estadonovista em nosso Estado, lá pelos idos de 1939, quando, investido da judicatura, procurou seguir os ditames da sua consciência e o primorado da justiça.

Como se vê, foi personalidade de alto coturno cultural e, com indispensável mestria.

A tais e tão patentes méritos, reúne-se o de grande cristão que pôs a sua pena em prol da sacrossanta causa do catolicismo em nossa terra, durante toda a sua preciosa existência neste vale tenebroso em que vivemos.

Morreu pobre como Jó, mas o brilho do seu talento e a luz da sua inteligência ainda estão vivos entre nós, através de sua arte poética, dos seus belos escritos e das suas orações acadêmicas que proferiu no Instituto Histórico de Mato Grosso e na Academia Mato-Grossense de Letras de que foi membro preeminente, durante os longos anos de convivência com seus ilustres pares na augusta “Casa Barão de Melgaço”, que há mais de um quarto de século vem oferecendo ao povo ótimas tertúlias literárias para o seu engrandecimento cívico intelectual que é a lídima beleza do espírito humano “para crescer, criar, subir”

ACADEMIA MATOGROSSENSE DE LETRAS

José de Mesquita

Rômulo Corrêa do Costa

Torna-se difícil e, porque não dizer, horrível encargo, terrível alpinismo, tentar escalar os Andes da eternidade, em se tratando de atingir o cimo da imortalidade do cuiabano José de Mesquita.

Quisera que esta humílima crônica mortuária, ferisse com simplicidade a embaixada das altaneiras letras matogrossense, expressasse levemente o objetivo que deve ter autêntica homenagem.

Mas, mercê de Deus, no dizer do maior vate da raça, “poder mais alto se alevanta”, manifestações esplendorosas, aurélias, traduzem tão elevada promessa de fidelidade, tão notável protesto de veneração e respeito.

Não será eu que deva falar, referir, expressar, escrever sobre José de Mesquita. Seria, valha a verdade, mui deselegante, inadequado, um misero marques, no requinte da glória e do triunfo querer tecer a seriedade da apresentação real, querer traçar pompas e honrarias no salão nobre de Versalhes da nossa literatura.

Não será eu, eu, não! Tal exigência carece de obreiros profissionais, daqueles que tão bem conhecem a arte magnífica e divina, que representa a magia, a elegância da espada do querubim do Gênesis, a graça daquilo que não morre.

Não será um filho atual de Ilia, Réia ou Silvia, no dizer de Plutarco, atirado nas águas frias do Tibre histórico, o novo criador de Roma ou moderno berço da latinidade.

Nem mesmo os hodiernos aconchegas maternos de uma Ana Larência, tampouco a paternidade bucólica de um Fáustulo.

A empreza é incomensurável e de onimoda beleza, é fabulosa.

JOSÉ DE MESQUITA - IN MEMORIAM

Sinto-me entorpecido, num inefável estado comatoso, como que perdido nos labirintos do subterrâneo do Vaticano, ao relembrar o desaparecimento do maior beletista, do orgulho incontestável do Brasil Ocidental, do marco que tão bem soube identificar a nacionalidade.

Desfalecem-me as forças ao sentir a falta dos gorgeios matinais, oriundos das mangueiras em flor, do conhecido sabiá, esse pássaro-símbolo do nosso meio, da verde Cuiabânia, a encarnação do letrismo metrificado.

Não compreendo, não entendo, não acredito no falecimento do, sem símile ou congênere, eterno presidente do Jardim de Academus, hoje, silencioso, tal elegante mausoléu, sem citar o Areópago das letras egrégias, naquele desespero bíblico, de Anás para Caifás, sentindo na própria carne a dor da ausência do Machado de Assis.

O que faço não poderá ser jamais oferecimento literário, nem crítica, visto como não encontrar amparo absoluto no campo do conhecimento integral.

Não estou, portanto, paramentado para retratar, apontar, trazer, de público, as produções métricas ou narrativas do inclito morto.

Longe está este elogio fúnebre do campo literal, do intramuros do beletismo, afastadíssimo das influências do realismo da apresentação.

Sabemos que José de Mesquita foi poeta, romancista, historiador eclesiástico, jornalista de escol.

Superabundante, grandioso, de linguagem escorreita e ática, de classíssimo especial sempre em galas.

Soube tão bem, nos versos e poesias, cantar o cuiabanismo e derredores, as lendas e narrativas, o tradicionalismo do berço natal. Ninguém o superou naquela propriedade, naquele realismo, naquela interpretação magnífica, naquela exposição típica e extraordinária.

Do nosso preiteado, fora do domínio do julgamento literário, “No Tempo da Cadeirinha”, a meu ver, é o suficiente para levar quem quer que seja aos propileus e paternão do imperecível, da imortalidade.

Revivendo milagre do lendário Frei Macerata, na supramencionada obra, que viveu sob pompas da bonomia e da caridade, o perenal acadêmico apontando virtude traçou para si, dentro dessa nobreza, indiscutível modelo de epitáfio.

ACADEMIA MATOGROSSENSE DE LETRAS

Como todas as vezes, na vanguarda das festas letristas. Foi a encarnação, a interpretação magnífica da Academia Matogrossense de Letras. Tanto lutou por ela, tanto fez, tanto dignificou.

Realmente, como disse a rainha Vitória, no leito fúnebre: “um trabalho prolongado faz a um repouso especial”.

E o nosso poeta, cansado de tantas batalhas, de duras pelejas e refregas, triunfalmente, acaba de depositar nas aras sagradas os lauréis da glória.

Sim, depois de tão ingrata jornada, foi repousar, dormir o sono de muitos séculos. As manhãs de ouro e as tardinhas soalheiras, não mais verão o álaçre passarinho.

Vouu para o longínquo desconhecido para viver sempre no coração da cidade que tanto amou.

José de Mesquita

Cesário Prado

(Alocação feita na Federação das Academias de Letras)

Observa Mauriac que Cristo-Senhor Nosso, por seu livre alvedrio, teve b suplício da Cruz, enquanto nós outros já nascemos crucificados, mas, não o percebemos na infância e na mocidade, porém, a carne cresce, envelhece e envilece, e então, só então, descobrimos que com os membros estirados e doloridos sob os cravos, na verdade nascemos crucificados.

José de Mesquita, homem de espírito profundamente religioso, católico praticante e militante, de certo houve o amparo e o consolo dessa resignação com o seu calvário não apenas de horas, mas, de dias e dias, mais de um ano, supliciado por essa fatal enfermidade que ora alarma a humana grei como o mais cruel flagelo no seu trânsito na terra: agora de ter o repouso final. Toda a colônia matogrossense domiciliada no Rio acompanhava com angustia e tristeza a marcha de seus dias penosos e agora cobre-se de luto com a notícia do seu trespasse, na terra natal, a que tanto amou e dignificou pela sua preclara inteligência, pelo caráter ímpoluto e pelo indefesso labor a prol do seu engrandecimento presente e futuro.

Foi um alto e nobre espírito, que alentava seu amor por nossa terra e nossa gente, por mais agreste e hispida que fosse a sua paisagem, e por mais humildes, pobres e inermes os seus filhos, que a todos envolvia com olhar doce, descobrindo-lhes amenidades, derramando-lhes a poesia de seus louvores e a bem-querença de um grande coração.

Polígrafo, na expressão total do termo, com acurado estudo de nossos idos, foi abalizado historiógrafo a emparceirar com Virgílio Corrêa Filho na autoridade de interpretação sociológica da nossa formação e crescimento e no carinho com que rebuscava os nossos arquivos, para compor as árvores genealógicas dos nossos maiores.

Escritor de ficção, deixa-nos dois volumes de contos, um

de fina psicologia, outro costumbrista regional, além de um romance “Piedade” que, com dois que não veio a publicar, formaria uma trilogia radiográfica dos sentimentos, costumes e credices do nosso povo: tudo em prosa de pureza castiça e clássica, nos moldes e vocabulário, vindo à lume nos mais autorizados órgãos publicitários do país — a Revista do Brasil na fase editada por Monteiro Lobato, a Ilustração Brasileira, na editada por Álvaro Moreyra, o Jornal do Comércio e tantos outros, inclusive a Revista da Academia Brasileira e a da nossa Federação — todos a colher os mais desinteressados gabos, como o de Fernando Magalhães, que o considerava de renome nacional, tanto na literatura propriamente dita, como nas letras jurídicas.

Como cultor do Direito, deixou-nos magníficas conferências pronunciadas em congressos jurídicos e decisões prolatadas como juiz e Presidente do mais alto Tribunal de Mato Grosso, ao qual honrou por mais de uma década, eleito e reeleito pelo consenso unânime dos seus pares.

Nele se configurava a velha sentença clássica: não fazem mal as Musas aos doutores. A sabedoria de Minerva nele casava-se com as filhas de Apolo. E quão maviosa e lírica lhe foi a poesia, ora de comovente subjetivismo, como no poemeto a “Terceira Despedida” e no soneto “O Relógio”, ora clangorosa nos sonetos-poemas dos fatos históricos dos nossos maiores. Embora só nos desse um volume de versos, o seu espólio poético está todo compendiado nas páginas da revista do nosso Instituto Histórico e da revista da Academia Matogrossense de Letras, de que era não apenas o Presidente como que perpétuo, porém, a própria alma mater, na abnegada dedicação, no estímulo diuturno, para garantir-lhes a perenidade das publicações.

Com esses dotes e com o gênio por excelência agremiativo, sabia animar vocações incipientes e não deixar esmorecer as que se apuravam, criando ao seu redor amplo círculo de admirações, acendrada estima e vasto prestígio cultural.

Homem de inabalável fé católica, a Igreja também lhe premiou a pena sempre em riste na defesa de seus fundamentos e preceitos, outorgando-lhe diversos títulos honoríficos.

É, pois, com o sentimento de ver golpeada a coletividade matogrossense, com a morte do

JOSÉ DE MESQUITA - IN MEMORIAM

Desembargador José de Mesquita, pela perda de um dos seus mais altos e genuínos valores, que peço à Mesa um voto de pesar, em sua ata de hoje, e idêntica manifestação à digna família em luto e à Academia Matogrossense de Letras, que tenho a honra de representar nesta casa, fundada, como todos sabem, por sua proposta em um dos congressos culturais realizados no Rio de Janeiro, por esse varão que lembra aqueles a quem se referem as escrituras sagradas: eram homens piedosos que procuravam encanto do belo no estudo das letras, trabalhavam, cantavam e oravam, e sabiam suportar os trabalhos e reveses da vida, virilmente, e tal como eles foi José de Mesquita.

ACADEMIA MATOGROSSENSE DE LETRAS

José de Mesquita

Oscarino Ramos

Da Academia M. de Letras.

Quando, lá pelo ano de 1.907, reiniciei os meus estudos ginasiais, em Cuiabá, fui morar na antiga Rua Nova. Eu vinha do Colégio S. Rosa, em Niterói para o S. Gonçalo, naquela época no esplendor da sua fama, com as sucessivas e brilhantes turmas de bacharéis em letras. Fácil, portanto, a minha aproximação com José de Mesquita e Soter Caio de Araújo, também moradores na mesma rua. Essa aproximação gerou entre nós, uma imutável, sincera e afetuosa amizade que se espalhou pela vida à fora. Nem a morte que nos separou não estinguiu essa lâmpada votiva, pois, a todo o instante recordo-me, com saudade, desses diletos amigos. Na verdade, a amizade é como aquela árvore rara que nasce, cresce e se robustece aos embates das tempestades e dos dias de bonança.

Conheci Soter e Mesquita em plena adolescência. Eram ginasianos. Ambos mais adiantados do que eu. Mesquita bacharelando, Soter quasi. Este, com o seu temperamento vibrátil, já revelava o iconocrasta que, mais tarde, viria a ser Bela inteligência que a cidade tentacular, mais tarde, tragaria. Ao passo que Mesquita, precocemente, já revelava acentuados pendores para as letras. Enquanto Soter me conduzia para os aprazíveis passeios pela Lavrinha, Mesquita nos levava às tertúlias de um grêmio literário no Lavra Pau. Enquanto Soter seguia para o Rio para cursar a Escola Politécnica, onde se formou, tomando essa cidade como centro de sua ocupação e onde morreu, Mesquita seguia para S. Paulo, para fazer o seu curso jurídico. De lá, enviava, para os jornais da Terra as suas crônicas que não eram mais do que a vida do estudante, a garoa paulistana, a boemia. Bacharel em direito, regressou à terra natal para servi-la até o seu último instante de vida. Foi, então, professor do Liceu Cuiabano, advogado, Juiz e Professor de Direito. Porém onde brilhou foi na atividade literária, como poeta, orador, romancista, ensaísta e historiador. Contudo, num rápido estudo sobre essa polimor-

JOSÉ DE MESQUITA - IN MEMORIAM

fa individualidade, não é fácil demorar-se na apreciação das várias facetas intelectuais de tão complexa individualidade. O que, porém desejo ressaltar nestas linhas é a têmpera rija do Mesquita como homem de luta. Num Estado em crise de formação, em que quase tudo se faz de improviso, sob a magia da política, José de Mesquita não podia fugir às convulsões políticas que, de quando em vez, sacodem o Estado. Por doze anos consecutivos, foi Presidente do Tribunal de Justiça. Nesse período, lutou contra uma classe toda que se insurgiu contra um seu ato. Como se saiu em defesa do Poder que chefiava aí está o seu opúsculo: Em defesa da Magistratura. Depois, em certa época, quando a politicalha procurava enxovalhar o Poder Judiciário, Mesquita saiu desassombadamente, em sua defesa. E através de todas as agruras, saiu ileso o Poder inerme e aí está cumprindo a sua missão sublime. No início da sua vida pública, fundou, com Glicério Povoas, um jornal de feição política que teve efêmera duração, pois, Mesquita fora nomeado Juiz. Nunca porém deixou de revidar um ataque injusto, viesse ele direto ou indiretamente. O jornal “A Cruz”, que se edita nesta Capital e do qual Mesquita fora seu diretor, sempre trazia uma seção “Traços na areia” em que refletia o espírito irônico do seu autor. À um grupo de inconformados que o ataca, respondia: “Só os animais inferiores andam em bando. Os superiores andam sozinhos”. De uma feita, em sua casa que ficava na Rua 13 de Junho, e por onde passavam obrigatoriamente todos os veículos, me dizia: esta rua é a minha via Appia. Daqui, vejo subirem os triunfadores para, depois descerem derrotados. Versando esse tema teceu versos encantadores. Foi um lutador de ânimo forte e justo porque nunca deixou de revidar um ataque injusto. Dai porque foi um grande Juiz uma vez que, no dizer de Rui, o Juiz covarde não se salva. José de Mesquita foi um grande matogrossense. Com o brilho de sua cultura e de sua inteligência serviu o seu Estado com o devotamento superior de quem ama o seu berço natal. Quando me inclino diante do tumulo desse querido amigo, lembro-me do que dizia Vitor Hugo: “os mortos são os invisíveis, mas, não são os ausentes” e ponho-me a pensar no que, melancolicamente, me segredava o meu pranteado Estevão de Mendonça: “Morre para sempre quem morre em Cuiabá.”

ACADEMIA MATOGROSSENSE DE LETRAS

José de Mesquita

Um Paladino das Letras Isaac Póvoas

Chora, ainda hoje, a Academia Matogrossense de Letras, pelos olhos de todos os seus associados, o desaparecimento, para todos o sempre, do preclaro matogrossense e festejado homem de letras, José de Mesquita, aquele a quem deve ela a sua fundação, na condição ainda modesta de Centro Matogrossense de Letras; que lhe acompanhou os passos na senda literária e seu constante progredimento até a sua ascensão gloriosa às regiões alcançadas da Academia; que viveu mais intimamente ligado a ela como seu insigne presidente, desde a eleição da sua primeira diretoria, tal como ocorreu com Machado de Assis, que presidiu, até a sua morte, a Academia Brasileira de Letras, fundada nos idos de 1897; que, pelo seu zelo, dedicação e assistência diuturna, dava exuberantes provas de que vivia com ela e paralela.

Chora a Academia, porque sofre ainda hoje, nas suas carnes, a dureza do golpe que lhe vibrou o Destino, roubando-lhe, impiedosamente, quem foi sempre a sua célula mater, o impulsionador máximo, do seu progresso e dos seus triunfos, deixando-a cair nessa prostração, nesse abandono criminoso de que somente agora foi arrancado pela energia e pela capacidade moça e construtiva do Reverendíssimo Padre Wanir Delfino César.

Bem conhecia eu, como, do mesmo modo, a maioria dos da nossa companhia, a grande falta que iria ocasionar ao cenáculo das letras matogrossense o desaparecimento do eminente conterrâneo, por isso que ninguém conhecia o segredo da sua operosidade assombrosa, e, ao ter de sacrificar os deveres funcionais dos seus cargos, preferiria, por certo, deixar periclitar os interesses oriundos do idealismo, tão arraigado está na consciência de toda gente o principio relativo ao **primo vivere, deinde filosofare**.

O Homem

José de Mesquita, como ficou dito acima, vivia para a Academia. Para ela dava toda a sua atenção e toda a sua boa vontade, provendo a todas as suas necessidades a tempo e hora. Era a sua filha diletta, merecendo, conseqüentemente, os seus cuidados paternos. Dai resultou, naturalmente, o marasmo em que caiu a prestigiosa organização, ao se sentir órfã da assistência e dos carinhos paternos.

Era de ver o seu espírito organizador, ao planejar uma sessão solene, sem esquecer os mínimos detalhes; quando buscava realizar as conhecidas horas literárias, em que recorria até ao rodízio, com o propósito deliberado de não sobrecarregar os consócios; quando, enfim, ia entregar à impressão a nova revista, jamais esquecia de cobrar aos faltosos as matérias prometidas e ainda não recebidas, caso em que ia, muitas vezes, ele próprio, a procura do consocio descuidado, encarecer a necessidade da remessa do trabalho, porquanto já figurava ele no sumário. Trabalhava, assim, sem esmorecimentos e sem fadigas e fazia trabalhar os outros. Era o homem dínamo que enfeixava nas suas mãos os destinos da Academia.

Dotado de maneiras distintas e afáveis, tratava a todos com a mesma correção de atitudes, com a fineza que lhe era peculiar, provindo naturalmente, dessas qualidades, a larga estima e consideração que desfrutava no meio social em que viveu como em todos os outros em que se fizera conhecido.

Bem poucos terão gozado na sua vida, dessa larga estima e admiração, dessa dilatada aura de simpatia que envolvia a personalidade do abalizado homem de letras, inquestionavelmente um dos maiores de que merecidamente se ufana o nosso Estado.

Homem de imprensa, que sempre foi, detestava, entretanto, as discussões, as lutas, as retaliações pelos jornais, procurando sempre evitar esse mal que para ele tinha as proporções de um escândalo. Atacado, porém, ferido em seu amor próprio defendia-se a seu modo: a surdina. Não terçava armas diretamente com o seu agressor. Não dava desaforo em desaforos. Atacava o seu inimigo, indiretamente, em prosa e em versos, fazendo omissão do nome do provocador, talhando-lhe, entretanto, carapuças que maravilhosamente se ajustavam às

cabeças dos maldizentes. Quem quer tenha lido os seus “Traços na Areia”, não a teria encontrado, por certo, de ofensivo a quem quer que seja. As pessoas, entretanto, a quem eram endereçados aqueles pensamentos ou aquelas máximas, essas enchiam-se de cólera ante a perversidade daqueles ataques velados. Era inexorável para com os seus ofensores. Muitas vezes mesmo depois de haver abandonado a liça o seu contedor, continuava o ofendido a martelar, a contundir, a seu modo, os seus detratores. Felizmente, eram raríssimos os seus inimigos. Ele evitava fazê-lo, numa demonstração evidente de que não era de briga.

O que ele foi, na verdade, foi o denodado cavaleiro da pena, o cavalheiro distinto e de atitudes áticas, sempre pronto para as justas sadias, nobres e elevadas.

O reconhecimento dos seus méritos inconfundíveis, não ficou circunscrito aos extensos lindes do seu Estado natal.

Repercutiu pelos mais distanciados rincões do nosso país. Em várias circunscrições de nossa estremecida Pátria, as figuras mais destacadas das nossas letras propunham o seu nome, na mais expressiva das homenagens, para sócio correspondente, para sócio honorário, para sócio benemérito dos seus Grêmios, dos seus Centros de Letras, de suas Academias. Foi assim que pertenceu ao “Centro de Cultura Intelectual” de Campinas, ao “Instituto Riograndense de Letras” de Porto Alegre; a “Academia Riograndense de Letras” de Porto Alegre; ao “Gremio Literário Rui Barbosa”, de Vitória no Espírito Santo; ao “Centro dos Amigos de Mardem”, no Espírito Santo; ao “Gremio Literário Euclides da Cunha” no Espírito Santo; à Academia de Ciências e Letras”, de São Paulo; à Academia Carioca de Letras; à “Federação das Academias de Letras do Brasil”, no Rio de Janeiro; à Academia Parense de Letras”, ao “Centro de Ciências, Letras e Artes”, de Campinas.

O Poeta

Há, entre os cultivadores da poesia, contradições flagrantes, desvios de orientação que dificilmente podem ser explicados. Um paralelo, apenas, entre o poeta Felix Pacheco e José de Mesquita basta para pôr um relevo a minha assertiva.

Aquele, político, diretor de jornal, legislador e poeta, viveu a sua vida no meio do torvelinho político, no tumulto das

JOSÉ DE MESQUITA - IN MEMORIAM

redações de jornais e nos ambientes agitados do parlamento. Como homem, era um mundanismo discreto.

Não foi, como comumente se diz, uma vestal; entretanto, admira-se nele a inocências dos seus versos, a delicadeza dos seus temas, a doçura da sua emoção. Dele, diziam os sensuais, que era um poeta educado no Colégio Sion, conforme lembrou, certa vez, Humberto de Campos.

José de Mesquita, do mesmo modo que Felix Pacheco, em tempo algum abandonou a sua lira amestrada, que o acompanhava desde a adolescência. Jamais dela se desdenhou, quer seja na sua longa carreira de magistrado, quer ainda em outros muitos e elevados cargos, que perlustrou. Estava longe, porém, de ser apontado, como aquele outro, como um Poeta educado no Colégio Sion, fato, este, aliás, que merece notado, dada a sua qualidade de católico fervoroso, educado desde os mais verdes anos por uma senhora profundamente devota de costumes austeros, que instilou no espírito do seu educando, o mais acentuado apego religioso. Passou daí para o Colégio Salesiano onde fez seu curso ginásial e onde teve prosseguimento o ensino religioso. O hiato que poderia ter havido na sua vida de católico prático, foi quando se transferiu para São Paulo, em cuja Faculdade graduou-se em Direito. Retomando à terra natal, reiniciou a sua ligação permanente com o Arcebispo D. Aquino Corrêa, não só por laço de parentesco, como também, pelos liames da mais sólida e indestrutível afeição: Sua musa, entretanto, não passará pelas águas lustrais do batismo. Era pagã e embora não dançasse nua como a de Bilac nos primeiros tempos, suas estrofes traziam a marca indelével do pecado. Em idade madura, ainda era o sonetista sensual, impetuoso e ardente dos versos da mocidade. A sua força literária, “como a de todos os grandes líricos, estava na sede dos sentidos, ou, para dizer com mais propriedade, na mulher, que é a fonte em que ela se desaltera”. Releva ponderar que nesse culto à mulher, José de Mesquita tem atrás de si, uma legião de seguidores, vale dizer, uma legião de poetas de bom gosto, porquanto, na vida, o amor é a única coisa boa que ela tem e as mulheres, através das idades, andavam sempre de mãos dadas com os poetas, sendo deles as principais inspiradoras. Dirceu, para citar só este, preocupava-se mais com a sua Marília, do que propriamente com a Conspiração Mineira: Dos poetas matogrossenses de todos os

ACADEMIA MATOGROSSENSE DE LETRAS

tempos, foi indubitavelmente José de Mesquita que mais produziu.

Deixou-nos, como preciosa bagagem literária os livros “Poesias”, editado em Cuiabá, “Terra do Berço”, “Da Epopeia Matogrossenses”, “Três Poemas da Saudade”; “A Escada de Jacó” e o “Roteiro da Felicidade”.

O Jornalista

No jornalismo é que se avulta, ainda mais, a personalidade excelsa de José de Mesquita. Nesse departamento da literatura é que se pode medir a sua extraordinária capacidade de trabalho. Era o joalheiro do Estilo, o mágico da pena a espalhar, às mancheias o tesouro inestinguível da sua cultura polimorfa. Era o grande poeta a fazer prosa, “prosa cheia de cor e de ritmos, imaginosa sem ser rebuscada, prosa em que há todas, as cintilações de uma joalheria rica, com maciezas veludineas”. Escreveu em quase todos os jornais editados neste Estado e em jornais e revistas de vários Estados do Brasil. Dirigiu, com capacidade que lhe era peculiar, os jornais “O Povo” e “A Cruz”, ambos desta capital. E, se naquele a sua atuação foi de efêmera duração, neste outro raiou por mais de quatro lustros. Foi, pelos grandes serviços prestados à Ação Católica nesse órgão, que o Papa Pio XI conferiu-lhe em 1.933, a comenda da Ordem de S. Silvestre.

Quantos volumes sobre os mais variados e selecionados assuntos não poderia ter publicado esse perdulário do talento, com suas produções derramadas pelos jornais no dilatado tempo que nele atuou?

Não quis o vigoroso jornalista meter ombros a esse empreendimento de tão subido valor. Neles encontrariam os vindouros um manancial inesgotável de conhecimentos, um monumento surpreendente para fortalecer o caráter e esclarecer os espíritos, edificando as gerações.

O Orador

Notável foi sem dúvida alguma a atuação desse primoroso homem de letras na arte sublime da oratória. Dificilmente poder-se-á dizer em que ramo do saber humano foi ele maior; se como poeta, como jornalista, como orador ou

JOSÉ DE MESQUITA - IN MEMORIAM

ainda como contista. Em todas as modalidades em que se manifestem os pensamentos e os sentimentos e da sua erudição.

Na tribuna como na poesia, o nosso saudoso conterrâneo começou cedo, visando, naturalmente, atingir cedo à Perfeição. Desde a sua adolescência, o seu nome já figurava como orador dos clubes em que a mocidade de sua época ensaiava os seus passos vacilantes na senda das letras. Com essa sede de saber, cresceu, frondejou como árvore plantada em terreno fértil. Foi as culminâncias das letras, igualando-se aos melhores. De sua vastíssima bagagem oratória, destacamos, pela sua merecida repercussão, “O Sentimento de Brasilidade na História de Mato Grosso”, discurso de posse no Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro; “Professoras Novas para um Mundo Novo”; discurso paraninfal, em Campo Grande; “Nos Jardins de S. João Bosco”, discursos e conferências, São Paulo; “O Exercito, fator de Brasilidade”, discursos, Rio de Janeiro. Não preciso me alongar mais.

Pela difusão de suas obras no terreno elevado do patriotismo; pelo brilhantismo invulgar com que dissertou sobre a vida e os feitos de individualidades militares que engrandeceram a Pátria, conferiu-lhe o Exército.

O Contista

Não ficou somente na poesia, no jornalismo e na oratória, a atividade literária de José de Mesquita. À semelhança do bom músico que executa a sua arte em qualquer instrumento, assim a literatura, nos diferentes ramos em que se reparte, não tinha segredos para o seu espírito de eleição. Fez-se também contista e contista primoroso. Quando aparou a sua pena e lançou-se à esfera do conto e das novelas já lhe havia cristalizado no espírito o cuidado da forma. Estava armado cavaleiro também para esse mister. Os assuntos que fixou nos seus contos, nas suas novelas, provam à sociedade a sua capacidade na escolha dos motivos. Escrevia com limpidez, numa linguagem bem arejada e com uma sobriedade que, de modo algum, sacrificava a verdade. Pena é que nesse gênero em que ele entrou já como consumado mestre, tenha sido pouca a sua contribuição. Sempre se deseja mais o que é bom. Dois foram os seus livros de contos publicados: “No tempo da Cadeirinha”, em que versa

ACADEMIA MATOGROSSENSE DE LETRAS

assuntos de costumes locais e “Espelho das Almas” obra essa que lhe valeu o premio da Academia Brasileira de Letras.

Nos últimos tempos, José de Mesquita — esse infatigável operário do sonho e da pena, se comprazia, em revolver o pó dos arquivos, emergindo dali com obras de avantajado mérito com que enriqueceu a nossa bibliografia.

Foi nesse paciente estudo nos gabinetes, que nos legou o “Elogio Histórico do Dr. Antonio Corrêa da Costa; o “Elogio Histórico do General Caetano Manoel de Faria e Albuquerque; “Um Paladino do Nacionalismo”, elogio de Couto Magalhães; “O Taumaturgo do Sertão”, biografia de Frei José Maria de Macerata; “João Poupino Caldas”, ensaio biográfico e “Manoel Alves Ribeiro”. Trabalhou muito, produzindo abundantemente. Dele ficou-nos, como lembrança inacessível, o vasto acervo de suas obras e a saudade imperecível da sua individualidade tão alta pela inteligência e pela cultura e tão nobre pelo caráter, pela coragem e pelo patriotismo.

Em relação a ele, podemos repetir o mesmo conceito emitido sobre o desaparecimento objetivo de Pedro Lessa, por um douto eminente pensador, tão irmanadas eram aquelas duas almas de jurista: Foi este homem que tanto amou a vida e que tão nobremente e dignamente viveu, que a morte levou em pleno fastigio do espírito e quanto o seu nome, o seu grande nome era uma das últimas esperanças e dos últimos estímulos dos seus conterrâneos.

Mesquita e a Academia

Luis-Philippe Pereira Leite

A Academia foi a menina dos seus olhos. Ao longo de 40 anos, deu-lhe vida; corporificou-a nos moldes atuais; fé-la crescer e renovar os seus valores.

Deve-se-lhe a organização, a vitalidade, a renovação e a projeção.

Diariamente ali estava a pesquisar e ordenar os seus arquivos esquecidos.

Pessoalmente punha em ordem os livros e a sua catalogação, preparava as apresentações, as visitas, as sessões solenes de gala ou de saudade.

Foi a alma propulsora de todos os acontecimentos literários de seu tempo.

Buscava a domicílio a colaboração dos confrades.

Fazia quase só a revisão da revista. Não por falta de equipe, mas porque se sentia feliz naquele labor.

Comandou a Casa de Melgaço como ninguém o faria melhor e o fez com elevação, com dignidade e com nobreza.

Sentiu-se-lhe a alegria estampada, quando a Academia celebrou o jubileu de prata da sua fundação, em 1.946.

Atingiu, então, o apogeu o seu entusiasmo e o seu amor pela instituição.

Explicação Necessária

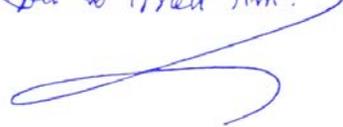
O trabalho literário, em clichê, que inserimos nesta edição especial dedicada à memória de José de Mesquita, saudoso Presidente da Academia Matogrossense de Letras, falecido em 22 de junho de 1961, constitui, obra inédita, a última, talvez, escrita pelo festejado beletrista patricio.

Encontrada entre os seus papeis, pelo seu filho Guy de Mesquita, que gentilmente nos cedeu para divulgação nas condições que o apresentamos, pela sua originalidade, de próprio punho, sem título e sem data, merecendo acertadamente o título de “IN EXTREMIS “.

Vai se apagando, assim, toda esperança,
a medida que vejo, dia a dia,
que o morbo cruel a sua marcha avança,
e o sofrer, mais intenso, se anuncia.

Subsiste em minha alma a Confiança
no Senhor, que me prova e me crucia,
pois sei que si assim é, na Paz descansa
meu coração, em tão dura agonia.

Jesus, ó certamente, há de poupar-me
a maiores torturas e levar-me
logo, para o teu Seio, donde vim,
e há de os Meus amparar, ser Pai e Amigo,
e nessa confiança é que prossigo
até que chegue o Dia do meu Fim!



IN EXTREMIS

Vai se apagando, assim, toda esperança,
a medida que vejo, dia a dia,
que o morbo cruel a sua marcha avança
e o sofrer, mais intenso se anuncia.

Subsiste em minha alma a confiança
no Senhor, que me prova e me crucia,
pois sei que si assim é, na Paz descansa
meu coração, em tão dura agonia.

Jesus, ó certamente, há de poupar-me
a maiores torturas e levar-me
logo, para o seu seio, donde vim,

e há de os Meus amparar, ser Pai e Amigo,
e nessa confiança é que prossigo
até que chegue o dia do meu Fim!

J

A Última Prece

Pe. Raimundo C. Pombo

As árvores têm sua raiz na terra e suas folhas no céu. Deus, árvore infinita, tem sua raiz no céu e suas folhas na terra. Ele é o tronco, os homens folhas dessa árvore divina.

Vem o inverno. As folhas terrenas, saudosas, buscam sua haste, e do céu caindo, voltam à terra de onde saíram.

No inverno da vida, as folhas da árvore divina, retornam à sua seiva, voltando da terra para os céus.

Feliz a folha que seca em sua árvore e pode voltar em busca de sua raiz.

Desgraçada daquela, que mirra longe do seu tronco; essa sim, morre duas vezes.

Embora verde, embora florido, o galho, cortado, já está morto, sua vida aparente, efêmero o seu frescor. E quantas folhas rolam por aí, ao sopro do vento, arrancadas do seu caule, enganosas, mentirosas, aparentemente verdes, mas mortas, como as que a matéria plástica da era moderna nos oferece.

Morre só a folha que não volta mais para a sua raiz. Mesquita não morreu, folha legítima da árvore divina que o gerou, para ela voltou.

Eis a sua oração, que bem indica o anseio de sua grande alma, embora com a tara natural e humana da matéria:

“A minha oração”

Ó Jesus, que recebi no meu coração, tantas vezes, no meu leito de dores, eu vos ofereço os meus sofrimentos, que aceito como a merecida punição dos meus pecados e peço-vos que assim como pesou sobre mim a mão da vossa justiça se faça sentir, agora, a da vossa Misericórdia. Destes-me uma doença rebelde e cruel, como que me querendo, com isso, fazer ver a vossa preferência, pois assim melhor poderei apurar a minha Fé e Paciência, grangeando melhores títulos

junto de vós. Fui buscar, com sacrifício, recursos que me restituíssem a saúde e espero, se for da vossa vontade, com a coadjuvação de N. Sra. do Carmo, minha Madrinha e dos meus Santos Protetores, que me conserveis, pois ainda tenho encargos para dar conta e não quero a vida para gozá-la, como os mundanos, mas, sim, para trabalhar no vosso santo serviço, e do próximo e dos Meus, fazendo todo o Bem que puder, para compensar o mal que já fiz. É esse o pedido do filho que vos invoca e louva, como Pai, e quer ainda como Ezequias, honrar o vosso Nome e agradecer a vossa infinita Bondade. Assim seja. (13/4/60 remodelada em 29 - 11 - 60).

Quando porém constatou que a vontade de Deus era diferente da sua, como bom católico, curvou a frente e modificou “A minha oração” nesses pontos: “peço que deis em felicidades aos Meus, o prêmio do que venho padecendo. . . e espero que me levando para o vosso seio misericordioso, e perdoando os meus pecados, olheis para os meus queridos”

Essa foi a sua última oração, oração de um homem de fé.

Amigo dedicado e sincero, estímulo dos principiantes, coração nobre e generoso. Não só teu exemplo de orador, de poeta, de escritor, de jornalista, mas o de cristão, de convicção e de fato, de cristão que erra e se corrige, cai e se levanta, que desliza, mas pede perdão, cristão de fibra, católico de alma e de coração, recebe o agradecimento de tua Religião, que defendeste com denodo de herói.

E este sacerdote, o último membro que recebeste na tua Academia Matogrossense de Letras, naquela última festa a que presidiste, que quis a Providência, fosse o triunfo de quem tanto prezaste: D. Aquino Corrêa, naquela inovidável manhã, antes de bater-te aos ombros a mão da morte com sua cruel mensagem, e no teu leito de morte, recitaste-lhe essa oração recomendando-lhe a Academia, tua segunda família; esse sacerdote convida teus sinceros amigos e confrades a seguirem teu exemplo, que é o de não se esquecerem da origem e finalidade do homem, folha celeste. E como amigo reconhecido e agradecido deixa, no dorso do elegante volume que tua vida escreveu:

“VOLTOU AO PRELO PARA A EDIÇÃO DEFINITIVA E MELHORADA. FOI ESCRITOR, POETA, ORADOR, JORNALISTA, MAS PRINCIPALMENTE CATÓLICO SINCERO E ESFORÇOU-SE PARA QUE SEUS ATOS, CONCORDASSEM COM SEUS SENTIMENTOS”.

Escolas Profissionais Salesianas
Cuiabá
Mato Grosso
1963